

# Orquidário

Volume 5, nº 1, 1991  
janeiro, fevereiro e março



Revista  
da Orquidário



## DIRETORIA

Presidente: Raimundo A. E. Mesquita — Tel.: (021) 224-2886  
Vice-Presidente: Waldemar Scheliga — Tel.: (021) 267-8384  
Diretor da Área Técnica: Álvaro Pessôa — Tel.: (021) 262-7738  
Diretor da Área de Relações Comunitárias: Maria da Penha Fagnani — Tel.: (021) 246-9868  
Diretor da Área Administrativo-Financeira: Yvan Lassance — Tel.: (021) 246-9872

## DEPARTAMENTOS

Exposições e julgamento: Ivana Zubic — Tel.: (021) 225-0431  
Difusão Cultural: Carlos A. Gouveia — Tel.: (021) 598-6644  
Pesquisa, Cultivo e Cursos: Roberto Petersen — Tel.: (021) 590-9890  
Biblioteca: Mário de Abreu Almeida — Tel.: (021) 293-6128  
Sócios: Helena Eyer — Tel.: (021) 295-9100  
Eventos e Relações com Organizações Congêneres: Hans Frank — Tel.: (021) 709-4194  
Secretariado: Helena Eyer  
Tesouraria e Finanças: Raul Couto  
Patrimônio: Mário de Abreu Almeida

## CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente: Alexis Sauer — Tel.: (021) 225-4164  
Membros: Felisdoro Bastos Nunes, Luis Clemente Ferreira de Souza, Carlos Eduardo de Britto Pereira e Roberto Agnes  
Presidentes Anteriores: Edward G. Kilpatric, 1986/87 e Álvaro Pessôa, 1987/90

## REVISTA ORQUIDÁRIO

Editoria: Álvaro Pessôa e Roberto Agnes (021) 541-8361  
Comissão Editorial: Carlos Eduardo de Brito Pereira, Waldemar Scheliga, Carlos A. Gouveia e Raimundo Mesquita.

A revista circula trimestralmente, com publicação nos meses de março, junho, setembro e dezembro e é distribuída gratuitamente aos Associados.

Roga-se permuta com publicações afins.

Artigos e contribuições devem ser dirigidos ao Editor, datilografados em espaço duplo, em uma só face, em papel ofício tipo A-4. Aceitos, serão publicados em um dos números seguintes. Os rejeitados serão devolvidos ao autor, desde que tenha fornecido o endereço. Fotografias, em preto e branco, devem vir acompanhadas de negativos e nome do fotógrafo, devendo ser identificada a autoria de desenhos e esquemas, apresentados, sempre, em papel branco e tinta preta. Para fotos a cores os autores deverão remeter, em slide, diapositivo ou o próprio fotolito a ser publicado, com identificação do motivo da foto e nome do fotógrafo. Para remessa de fotolitos contatar, antes, com o Editor para ajuste de dimensões.

Propaganda e matéria paga, com indicação de mês de publicação, deverão ser entregues à Redação com 2 meses de antecedência.

O título da Revista é de propriedade de OrquidaRio, nome que, também, está registrado no INPI.

Qualquer matéria ou fotografia publicada, quando não sujeita à reserva de direito autoral, indicada como DR, pode ser reproduzida desde que se indique a origem.

### Preços:

- 1 — contribuição dos sócios:
  - fundadores e contribuintes, anuidade de Cr\$ 10.900,00 ou 4 x 3.200,00
  - correspondentes: Cr\$ 10.200,00 ou 4 x 2.920,00
  - vitalícios por faixa etária:

I — 30 a 39 anos: Cr\$ 65.000,00	V — 61 a 64 anos: Cr\$ 30.000,00
II — 40 a 49 anos: Cr\$ 50.000,00	VI — 65 a 70 anos: Cr\$ 25.000,00
III — 50 a 55 anos: Cr\$ 40.000,00	VII — 71 a 75 anos: Cr\$ 20.000,00
IV — 56 a 60 anos: Cr\$ 35.000,00	VIII — acima de 75: Cr\$ 15.000,00
- 2 — números atrasados e avulsos, sujeitos a disponibilidade de estoque: Cr\$ 800,00
- 3 — Publicidade devendo o interessado fornecer o texto e lay-out
  - 3ª capa: Cr\$ 30.000,00
  - Página inteira: Cr\$ 26.000,00
  - Meia página: Cr\$ 14.500,00
  - Quarto de página: Cr\$ 7.600,00
  - Oitavo de página: 35 BTNf Cr\$ 4.800,00
- 4 — Assinaturas para o Exterior: 1 ano: US\$ 18.00 — porte simples  
US\$ 26.00 — aérea  
2 anos: US\$ 34.00 — porte simples  
US\$ 50.00 — aérea  
3 anos: US\$ 48.00 — porte simples  
US\$ 72.00 — aérea

Os preços acima poderão ser alterados pela Diretoria sem aviso prévio. A Revista não assume responsabilidade por colaborações assinadas e publicidade.

A correspondência à Revista deverá ser enviada ao Editor, Av. Pres. Vargas n° 583 — grupo 2.014, Centro, Rio, RJ, CEP 20.071.

## Índice dos Artigos

Conversa com o Editor .....	pág. 4
Notas sobre o gênero <i>Oncidium</i> — VII .....	pág. 5
Sementeira dos Sócios .....	pág. 7
<i>Oncidiums</i> brasileiros, tolerância a calor .....	pág. 9
<i>Catasetum</i> , II .....	pág. 14
Nossas Orquídeas Menores. <i>Eulophidium</i> Pfitz .....	pág. 21
Nomenclatura de Orquídeas .....	pág. 24
A vida fora do frasco .....	pág. 27
Perguntas e respostas .....	pág. 33

## Índice e créditos de fotos e desenhos

<i>Oncidium longicornu</i> e <i>macronix</i> — Paulo Barbosa .....	págs. 5 e 6
Bllra. Tahoma Glacier x <i>O. varicosum</i> — M. Carpenter .....	pág. 9
<i>Odm. bictoniense</i> x <i>Ocdm. Dena Reinnika</i> — R. Agnes .....	pág. 10
<i>Ocdm. Suzan Kaufmann</i> — Roberto Agnes .....	pág. 11
<i>Ocdm. Dragon Slayer</i> — M. Carpenter .....	pág. 13
<i>Catasetums</i> . Rudolf Jenny .....	págs 14 a 20
<i>Eulophidium</i> Pfitz — Augusto F. Neves .....	pág. 22
<i>Paphiopedilums</i> — Roberto Agnes .....	pág. 24
Seqüência de A vida fora do frasco — Heloisa Mesquita .....	págs. 28 a 32

## Nosso próximo número

No próximo número, teremos, além da continuação e conclusão dos textos sobre o gênero *Catasetum*, mais uma nota sobre o gênero *Oncidium*, tratando, dessa vez, do belo *O. varicosum*. Iniciaremos também uma série de textos que pretendem desvelar os mistérios da reprodução de orquídeas com uso de meristema. Álvaro Pessoa nos falará, também, dos segredos da fotografia de orquídeas.

## Nossas Capas

Como o presente número dedicou generoso espaço ao gênero *Oncidium*, escolheu-se para ornar a capa o *Oncidium varicosum* Rogersi, em plena floração neste mês, que é mostrado, ali, num belo clone, cultivado pela Florália e fotografado por Roberto Agnes. A *Odontioda* Shelley Anne, mostrada na Última Capa, representa o sonho de todo amador em termos de beleza. Infelizmente, são plantas de clima frio, difíceis de cultivar no Brasil, mas que, esperamos, pelo cruzamento com gêneros brasileiros, venham a permitir o cultivo de flores tão bonitas nos nossos climas. Foto de Roberto Agnes.

# Conversa com o Editor

Lendo cartas recebidas de leitores, entusiasmados após a publicação do último número, não podia deixar de me sentir como o gato Cheshire de Alice no País das Maravilhas. Tenho certeza de que meu sorriso podia ser visto a uma milha de distância! Satisfação é um sentimento gostoso, mas, de volta à realidade, havia um novo número para produzir, com o prazo quase vencido.

Antes de retomar a saga, épica, de correr atrás dos artigos, implorando pontualidade, etc., achei adequado avaliar os resultados dos últimos dois anos. Quando assumi o encargo de produzir esta publicação, fixei algumas regras a que sempre tentamos nos ater. A revista devia ser informativa, sem ser prosaica, divertida, sem ser vulgar, e, mais importante, deveria reter a atenção daqueles que se propusessem a aprender alguma coisa com ela.

Sempre achei que uma revista de orquídeas reflète os sentimentos do editor com relação àquelas e, como minha admiração por um *Zygostates*, miniatura, não é menor do que a que dedico aos vistosos *Cattleya* e *Phalaenopsis*, o conteúdo poderia ser, acho eu, sempre o mais variado possível. A cada ano que se renova porém, sente-se a premência de procurar um caminho novo, fazendo a Revista talvez um pouco mais técnica, talvez mais botânica, mas o que me parece mais importante é buscar um certo equilíbrio que possa atender a complexa gama de interesses dos sócios, identificada pela volumosa correspondência que nos chega às mãos.

Nós, do Brasil, temos, por sorte, uma abundância de lindas espécies e de híbridos delas, também, que dariam para encher revistas, porém existe um mundo de plantas e informações do qual arranhamos apenas a superfície. Sente-se quase uma certa trepidação quando nos deparamos com as possíveis escolhas, que se torna mais excitante, ainda, quando começamos a investigar as possibilidades.

No princípio os leitores devem ter estranhado aqueles *Paphiopedilums* e *Angraecums*, que pareciam tão distantes de nós! Mas, lembrem-se, que nos EUA ou na Inglaterra, nossas *Laelias* e *Cattleyas* pareciam também tão distantes quanto.

Novos padrões foram estabelecidos com o lançamento de *Pulchra*, finalmente uma oportunidade para apreciar uma flor boa, seja ela pequena ou grande, nativa ou exótica — todas têm muito a nos ensinar sobre a beleza. Sempre existe espaço para aqueles que escrevem. Afinal aprendemos, porque alguém tem algo a compartilhar conosco. Por isto insisto, participem. O ano novo guarda muitas surpresas, então apertem os cintos e boa viagem!

Roberto Agnes

Contribuições para o Fundo de Apoio a OrquidaRio	
Doador	Finalidade
Mário Mitio Sugahara — Rio Jorge Getúlio da Veiga — Rio Alarico Salomão — Rio Luis Carlos Cavalcanti Cronus Indústria e Comércio S.A. — Rio	Cores na Revista Para o papel da Revista Cores na Revista Projeto da Sede da OrquidaRio

# Notas sobre o gênero *Oncidium* — VII

## Seção Rhinocerotes

*Carlos Eduardo de Britto Pereira\**



*Oncidium longicornu*

Cultivo Carlos E. B. Pereira

Foto Paulô Barbosa

**D**ando seqüência ao nosso estudo do gênero *Oncidium*, trataremos neste número da seção Rhinocerotes. Esta é uma seção bastante pequena, composta por somente 3 espécies, das quais duas nativas do Brasil:

*O. longicornu* Mutel  
*O. macronyx* Reich-f.

\* Rua São Clemente 398/907  
Rio, RJ — CEP: 22.260

Pelo nome desta seção facilmente depreende-se qual é a característica básica e fundamental das espécies que a constituem; a calosidade principal do disco do labelo com formato de um chifre (de rinocerote) de dimensões bem marcantes em relação aos outros segmentos florais.

Em seguida faremos uma descrição sucinta do hábito vegetativo destas espécies, anotando, entretanto, que as

características morfológicas das plantas são extremamente variáveis, especialmente no caso do *O. longicornu*.

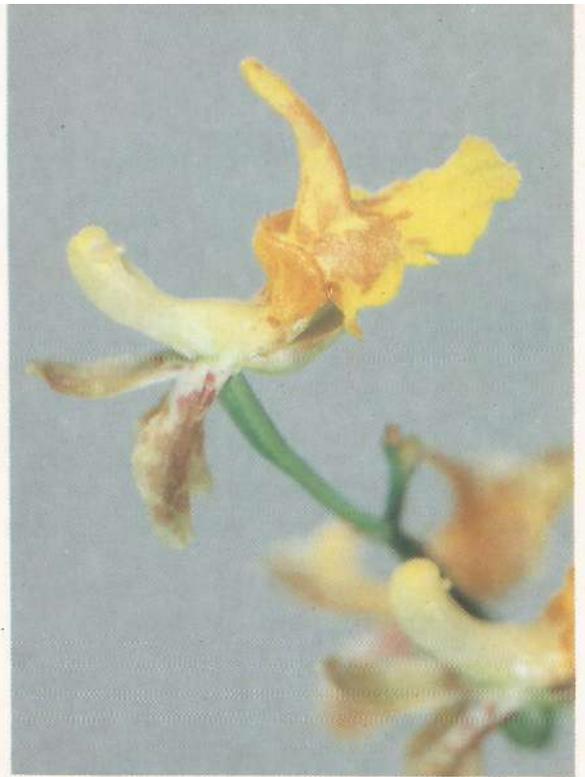
De modo geral suas plantas são pequenas, embora também hajam exemplares bastante robustos. Seus pseudobulbos são agregados ao longo do rizoma, longitudinalmente sulcados, normalmente alongados, levemente achatados, embora sejam encontradas plantas com pseudobulbos fusiformes. Seu colorido é verde vivo com matizes cinzento escuro nos sulcos, a tonalidade do verde dependendo do grau de insolação recebido pela planta. Suas folhas, em número de duas, são lanceoladas levemente coriáceas.

Produzem inflorescências ramificadas, compostas de inúmeras flores pequenas, que têm pétalas e sépalas inconspícuas, ou seja, pequenas em relação ao tamanho da flor, de colorido variando do amarelo esverdeado, com manchas marrons, até marrom compacto, as sépalas laterais soldadas em sua base. Labelo trilobado com lobos laterais bem menores que o lobo frontal, de colorido amarelo podendo ter algumas pintas avermelhadas no seu disco. A intensidade deste colorido amarelo varia muito, indo desde uma tonalidade bastante pálida até uma relativamente viva e brilhante.

As duas espécies brasileiras são muito semelhantes e, portanto, não são facilmente separadas. Entretanto, a um exame mais detalhado dos aspectos taxonômicos, muitas vezes de difícil visualização pelo leigo, sua diferenciação fica patente. Dentre estas diferenças taxonômicas duas são fáceis de se notar e são citadas a seguir:

*O. longicornu* — Ângulo largo entre os lobos do labelo — corno comprido com ponta agudíssima. Habitat: serras do Estado do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul e Minas Gerais.

*O. macronyx* — Ângulo muito agu-



*Oncidium longicornu*

Foto Paulo Barbosa  
Cultivo Carlos E. B. Pereira

do entre os lobos do labelo — corno terétil (arredondado) com ponta obtusa. Habitat: Estado de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.



*Oncidium macronyx*

Foto Paulo Barbosa  
Cultivo Carlos E. B. Pereira

Quem teve contacto com muitas plantas das duas espécies consegue ver uma certa diferença de “movimento” do labelo de cada uma delas.

Quando em um estudo sequencial como o nosso se depara com espécies como as desse grupo, onde a existência de um chifre cujo tamanho em relação ao resto da flor parece uma aberração, constata-se o grau de liberdade manifestado pelo processo evolutivo da natureza. Qual seria a razão desse chifre? De que maneira ele viria auxiliar no processo de fecundação respon-

sável pela finalidade precípua de tudo que se encontra na natureza, ou seja, a perpetuação das espécies?

Infelizmente não tenho as respostas a estas perguntas, a não ser a suposição de que elas procedem, e que, como consequência disto, estes chifres não seriam mero adorno, mas um atrativo ao agente polinizador dessas espécies.

## Sementeira dos Sócios

**“Tendo recebido o Anuário Brasileiro de Orquídeas — Pulchra e, lendo sua “Apresentação”, constatei o enorme branco que existia na orquidofilia brasileira e que agora está sendo preenchido pela Pulchra. Me parabeno com o Comitê Editorial e, principalmente, com esse grupo pujante que tem dado novos rumos a orquidofilia brasileira e tem seu aporte na OrquidaRio”.**

Ennio Blumm

Sco 322 — Porto Alegre, RS

**“Certos conhecimentos do idioma português baseiam-se nos meus conhecimentos de latim. Mesmo assim, tenho meus tropeços. Diga-me, por favor, o que representa afinal a publicação Pulchra? Uma nova revista de sua Sociedade? Ou um caderno sobre plantas premiadas?”**

Manfred Wollf — da Deutsche Orchideen Gesellschaft E.V. — Alemanha

**“Recebi ontem o nº 0 de Pulchra. A revista saiu muito bonita e espero que a nova revista (ou anuário) tenha longa vida.**

Pedro Moacyr Maia  
Sco 320 — Salvador, BA

O aplauso recebido dos sócios e leitores é a mola que nos leva a tentar fazer mais e melhor. *Pulchra* não é apenas mais uma publicação da OrquidaRio, nem só um caderno de plantas premiadas. É na verdade um projeto bem mais ambicioso, de unir o Bra-

sil orquidófilo, nivelando-o por cima, através do que de melhor existe. Buscaremos fixar critérios de seleção e julgamento, destacando as mais belas formas e mostrando por que. A publicação do anuário, que não terá menos de 52 páginas, com cerca de 200 fotos e formato de, aproximadamente, o dobro de Orquidário, é apenas uma das facetas desse projeto cultural, que desaguará, também, num Registro Nacional de Orquídeas.

OrquidaRio

**Inicialmente, desejo expressar o meu orgulho, minha alegria e minha satisfação, de poder fazer parte do quadro de associados desta entidade que, por contar com um quadro de diretores da mais alta categoria, empenhados num trabalho seriíssimo, elevam mais e mais o nome da OrquidaRio, a cada dia passa, não só pela brilhante administração, mas, também, pelo aprimoramento do Boletim Orquidário, que está simplesmente maravilhoso. A todos vocês, meus sinceros parabéns.**

Antes que me esqueça, quero dizer que li o artigo sobre “Semeadura sem o uso de capela”, e me empolguei tanto, que, cruzei (LP. Princezinha x LP. Milionária) x LP. Clementina e, baseado nas instruções do Boletim, semeiei e já obtive resultados satisfatórios. Espero tirar alguma coisa de excepcional, se a sorte ajudar.

Odair Daurelio

Sco 049 — S. Bernardo do Campo, SP

Obrigado, Odair. Neste número, você tem notícia sobre a vida da orquídea fora

do frasco. Compartilhamos às suas expectativas de resultados, já que as matrizes que usou são de muito boa progênie.

**O ano findo, apesar de todo o otimismo do Editor, não foi muito favorável aos Orquidófilos Amadores. Constatei que entre os membros de nossa Associação Orquidofila do Vale do Paraíba ninguém conseguiu introduzir uma planta nova em seu plantel, com exceção da troca de plantas entre seus membros. Com a contingência do momento, esperamos uma redução de 50% do quadro associativo. Agora, a aquisição da maioria dos defensivos que usamos depende de uma receita fornecida pela Secretaria da Agricultura.**

**Enfim, como após cada tormenta o sol volta a luzir, vamos acreditar no futuro.**

João Luiz de Almeida  
Sco 159 — Guaratingüetá, SP

A carta, apesar da visão algo sombria, mostra no seu fecho uma esperança lúcida quanto à superação de dificuldades momentâneas. Esperamos que o trabalho realizado em 1990, com o aperfeiçoamento crescente do nível de qualidade de Orquidário e o início das atividades de Pulchra, tanto quanto das Edições OrquidaRio, com o lançamento do seu Manual-1, Curso de Iniciação à Orquidofilia, possam justificar o nosso otimismo, com respeito a 1991 e além, pois já nos aprestamos para lançar o Manual-2, que será um Pequeno Glossário de Orquidofilia, que estará à disposição dos sócios no segundo semestre, já estando em início de preparação o Manual-3, que é sobre Julgamento de Flores de Orquídea.

OrquidaRio

**Orquidário tornou-se uma revista muito bonita! Terei o maior prazer em contribuir com algum outro artigo, talvez uma série de fotos mostrando a evolução de uma sementeira, desde a germinação (em microfotografia) até o desenvolvimento seguinte.**

Em 1982 recebi de Sabah/Borneu sementes de *Paphiopedilum rothschildianum*. Produzi milhares de plantas que foram parar nos EUA e na Austrália. Porém, uma boa quantidade foi reintroduzida no seu habitat natural em Borneu e lá se desenvolveram muito bem. Nesse meio tempo devem ter florido e só espero que não caiam nas mãos da "Máfia das Orquídeas".

Muito obrigado também pelas sementes de *Cattleya elongata*. Demorei com esta carta para hoje poder informá-los que germinaram. Nos últimos 12 anos semeei muitas formas nativas e grande parte já floriu no Orquidário Gottschalk em Seboldshausen/Bad Gandersheim. Lá também deverão crescer as plântulas da *Cattleya elongata*. Nem sempre chegam a crescer e muitas espécies depois da fase "in vitro" não prosperam. Com *Cattleyas* porém temos tido bons resultados, com exceção de *Cattleya dowiana* var. *aurea*. As variações climáticas naturais e as bruscas variações principalmente na temperatura faltam em nossas estufas e se tornam fatores de limitação da cultura. Por este motivo não temos em nossas coleções muitas espécies interessantes de *Oncidium*.

Ehrenfried Lucke — Hameln 5 (Klein  
Berkel) Alemanha

# Oncidium Brasileiro

## Sua importância para os intergenéricos tolerantes de calor

Roberto Agnes\*

O uso de espécies brasileiras na criação de híbridos de *Oncidium* tem produzido excelentes resultados. *Oncidium varicosum* tem sido muito usado em várias linhas de hibridação a ponto das flores desses híbridos lembrarem uma versão maior da espécie.

A maior parte das cerca de 150 espécies de *Oncidiums* endêmicos do Brasil tem sido usada em diversos híbridos, quase sempre com resultados bem satisfatórios, cruzando muito bem entre si, também, com espécies de outras seções.

Ao contrário das nossas *Miltonias*, quando os *Oncidiums* brasileiros são cruzados com intergenéricos de *Odontoglossum* de clima frio os resultados são em muitos casos desapontadores e isso se deve a vários fatores. *Oncidiums* não produzem muitas sementes viáveis quando cruzados com outros gêneros. De fato, alguns frutos quando não completamente estéreis, só produzem algumas dúzias de sementes. Também as plantas que germinam são difíceis de manter vivas e em vários casos elas simplesmente param de se desenvolver, não alcançando assim a maturidade. Na maioria das vezes esses problemas são decorrentes das diferenças do número de cromossomos de uma espécie para outra ou de um gênero para outro. Já vi plantas que produzem lindas flores, mas que nunca são usadas como matrizes por causa da dificuldade em mantê-las vivas, um problema que todo hibridador tenta evitar.

Nas *Miltonias* brasileiras, a tolerância ao calor nunca parece ser um impedimento ao cruzamento com os inter-

genéricos de clima frio, enquanto que com os *Oncidiums* isso tende a criar uma patente dificuldade. Mesmo entre *Oncidiums*, dificuldades existem para cruzar uma espécie de clima frio com uma de clima quente. Nos intergenéricos existe uma espécie do México, *Onc. tigrinum* que é bastante tolerante a calor e cruza com facilidade com os intergenéricos de *Odontoglossum*.

Foi também constatado que a cor amarelo brilhante de algumas das nossas espécies tende a se desbotar quando cruzado com os intergenéricos de cor vermelha e ao invés de se conseguir uma cor laranja as flores têm uma cor amarelo pálido, quase que desbotado.



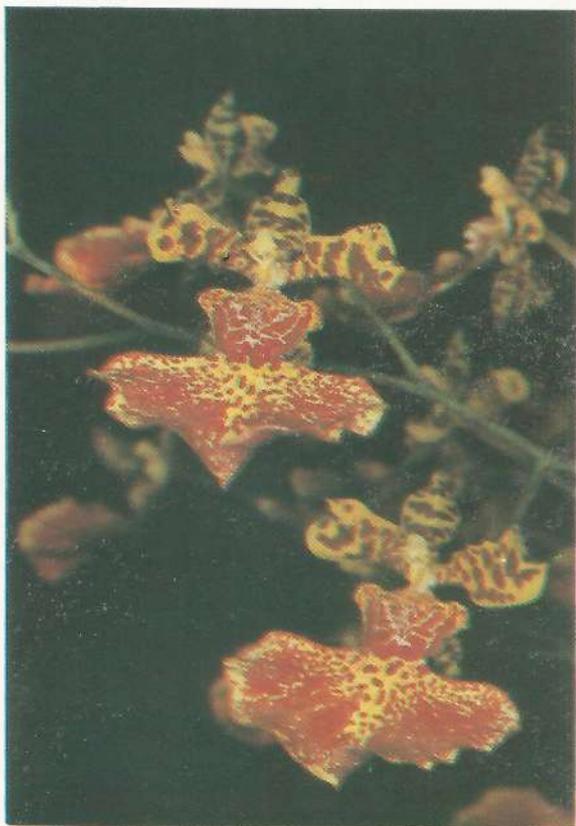
Bllra. Tahoma Glacier x *Onc. varicosum* é um exemplo típico da dominância na forma do *Onc. varicosum*. As pétalas e sépalas compridas da *Beallara* foram bem reduzidas e, na cor, perdeu-se um pouco do amarelo do *Oncidium*.

Cultivo e Foto: M. Carpenter

\* Travessa Pepe, 98/201, Botafogo, Rio.

Apesar de tais barreiras, tem-se conseguido produzir híbridos intergenéricos magníficos. Alguns hibridadores entusiasmados com os excelentes resultados obtidos nos híbridos de *Oncidium* produziram intergenéricos igualmente belos que são bastante tolerantes de calor. Além disso, o fato desses híbridos serem extremamente floríferos, quando bem cultivados, os torna mais desejáveis.

A despeito de seu sucesso como matriz em híbridos de *Oncidium*, o *Onc. varicosum* não proporciona resultados iguais nos intergenéricos e tem sido relativamente pouco usado. As plantas são de crescimento lento e na maioria das vezes é uma batalha constante para mantê-las saudáveis. *Onc. varicosum* foi cruzado com mais êxito usando-se espécies de *Odontoglossum* como:



*Odm. bictoniense* x *Odcdm. Dena Reinnika*. Novo híbrido com flores bonitas, de fácil cultivo e tolerante de calor.

Cultivo — *Geyserland Orchids*

Foto — Roberto Agnes

*Odcdm. Crowboroughense* (*Odm. uro-skinneri* x *Onc. varicosum*)

Stuart Low, 1934

*Odcdm. Dena Reinnika* (*Odm. bictoniense* x *Onc. varicosum*)

Reinnika, 1962

As flores são de um colorido muito agradável com pétalas e sépalas marrom-avermelhadas e o labelo amarelo com pontas marrom. Todavia, observou-se que o *Onc. varicosum* causa uma diminuição no tamanho das pétalas e sépalas que é bastante indesejável e nem sempre o labelo consegue permanecer plano. Os cruzamentos melhoraram com o uso de híbridos de *Onc. varicosum*, sendo que o 'pool genético' consegue fazer com que a cor não fique esmaecida no híbrido e o labelo continua largo e plano.

*Odcdm. Sunbeam* (*Odcdm. Tiger Butter* x *Onc. Kultane*) Crestwood, 1977

*Odcdm. Unimak Island* (*Onc. Nonna* x *Odm. Wilckeanum*) Beall Co., 1976

Em ambos os híbridos a proximidade das espécies tem um importante papel. Os dois híbridos de *Oncidium* tem *Onc. varicosum* várias vezes nos seus antepassados, *Odcdm. Tiger Butter* têm *Odm. tigrinum* como uma das suas matrizes e *Odm. Wilckeanum* é um híbrido primário. Os dois híbridos tem flores vistosas com labelo amarelo por causa do *Onc. varicosum* e as pétalas e sépalas têm tamanho médio e são, geralmente, amarelas com marcas castanhas.

Na busca de outras espécies brasileiras para hibridação a escolha natural recaiu na seção *Crispa*. Espécies como *Onc. crispum* produzem até 30 flores grandes numa inflorescência ramificada e as flores predominantemente marrom têm sépalas e pétalas bem largas. *Onc. marshallianum* com suas flores amarelas e marrom tem hastes altas e ramificadas e é uma espécie bem florífera, um traço que é transmitido à progênie. Um excelente ponto de partida foi o uso do *Odm. bictoniense*, uma das matrizes mais importantes em intergenéricos de *Odontoglossum*. Essa espécie tende a intensificar as cores da progênie especialmente nos tons vermelhos e as plantas desses cruzamentos são

quase sempre muito floríferas. Quando cruzado com os *Oncidium*s brasileiros o resultado é, quase sempre, plantas que produzem hastes altas e ramificadas com até 60 flores.

*Odcdm.* Karli Ku (*Odm. bictoniense* x *Onc. crispum*) Kugust, 1969

*Odcdm.* Thelma Ku (*Odm. bictoniense* x *Onc. marshallianum*) Kugust, 1970

*Odcdm.* Autumn Tints (*Odm. bictoniense* x *Onc. forbesii*) G. Black, 1978

*Odcdm.* Wera Stolze (*Onc. sarcodes* x *Odm. bictoniense*) Stolze, 1979

*Odcdm.* Thelma Ku é, provavelmente, o mais bem-sucedido desses híbridos. Plantas bem cultivadas produzem até 50 flores de 4.5cm de diâmetro em altas inflorescências ramificadas. *Onc. marshallianum* na forma e *Odm. bictoniense* domina completamente na cor. As flores têm pétalas e sépalas verde-pálidas cobertas de barras de um marrom avermelhado e o labelo é amarelo coberto de pequenas pintas vermelhas. O verso do labelo é quase todo de uma cor vermelho ferrugem.

*Odcdm.* Wera Stolze é até mais surpreendente. Quase todo o amarelo do *Onc. sarcodes* desapareceu e nos melhores clones as pétalas e sépalas são marrons avermelhados, escuras, com o labelo vermelho intenso. O *Onc. sarcodes* continua dominante na forma e as plantas produzem hastes compridas e ramificadas.

Outras espécies foram cruzadas com *Odm. bictoniense* com o mesmo sucesso.

*Odcdm.* Alaski (*Odm. bictoniense* x *Onc. flexuosum*) Onishi, 1980

*Odcdm.* Ruby Spots (*Odm. bictoniense* x *Onc. lanceanum*) Lemforder, 1979

*Onc. flexuosum* é uma espécie extremamente vigorosa e tende a florescer mais de uma vez por ano. É também uma espécie florífera produzindo várias hastes de flores amarelas. A progênie de *Odcdm.* Alaski herdaram es-

sas características e, embora as flores tendam a ser menores do que as dos híbridos previamente mencionados as plantas produzem maior número de flores, com colorido mais brilhante.

*Onc. lanceanum* é certamente o mais vistoso das espécies brasileiras com suas flores rosa, malva e marrom. Quando cruzado com *Odm. bictoniense* a cor das maculações nos segmentos são intensificadas e as flores da progênie parecem ser cobertas por uma massa de pontilhas vermelhas.



*Odcdm.* Susan Kaufman  
Cultivo — Florália  
Foto — Roberto Agnes

Todos esses híbridos têm uma tolerância bem elevada ao calor. *Onc. flexuosum*, *Onc. lanceanum*, e *Onc. sarcodes* são plantas de clima quente, que repassaram um pouco disso para a progênie. Selecionando cuidadosamente a próxima matriz chega-se à etapa em que pode então cruzar-se com os intergenéricos de *Odontoglossum*, por exemplo:

*Odcdm.* Susan Kaufman (*Odcdm.* Wera Stolze x *Onc. flexuosum*)  
R. Kaufman, 1985

O hibridador voltou para *Onc. flexuosum* para aumentar a tolerância ao calor. O resultado foi excepcional, as plantas são fáceis de cultivar, muitos cultivadores, em Petrópolis e Teresópolis, cultivam com bastante êxito e as plantas sempre fazem sucesso nas exposições. As flores não são muito grandes devido ao *Onc. flexuosum* (+-3cm) mas a inflorescência ramifica com facilidade e produz até 30 flores. As flores variam de cor, de clone para clone, os melhores têm pétalas e sépalas amarelo escuro com barras marrom-avermelhado e o labelo é vermelho brilhante. Usando essas plantas para cruzamento espera conseguir-se híbridos que são bastante tolerantes a calor, mesmo quando intergenéricos de clima frio são usados, e, também, plantas que são de crescimento fácil e rápido.

Como mencionado anteriormente, *Onc. tigrinum* tem desempenhado um papel fundamental na criação de intergenéricos de *Odontoglossum*. Seus híbridos tendem a ter um crescimento bastante rápido e as plantas são quase sempre robustas, tende também a dominar a forma e a cor das flores, geralmente amarelo e marrom nas pétalas e sépalas e amarelo no labelo. Os híbridos de *Onc. tigrinum* são relativamente compatíveis com os *Oncidium*s brasileiros e vários cruzamentos têm sido feitos com bons resultados.

*Odcdm.* Tiger Gold (*Odcdm.* Tiger Butter x *Onc. crispum*) Rod McLellan Co. 1980

*Odcdm.* Yankee Boy (*Odcdm.* Tiger Butter x *Onc. forbesii*) Rod McLellan Co. 1978

*Odcdm.* Sunbeam (*Odcdm.* Tiger Butter x *Onc. Kultane*) Crestwood, 1977

*Odcdm.* Daiquari (*Odcdm.* Jacobert x *Onc. crispum*) Richella, 1981  
(*Odcdm.* Jacobert tem *Odcdm.* Tiger Butter como matriz)

*Onc. tigrinum* continua como fator dominante e, na maior parte das plantas desses híbridos, as flores variam do amarelo com marrom ao marrom pu-

ro nas pétalas e sépalas com o labelo amarelo, e, em alguns clones, têm pintas marrons.

*Odcdm.* Daiquari produz flores de um tom mais avermelhado e alguns clones têm flores alaranjadas. *Odcdm.* Tiger Butter e seus híbridos cruzam facilmente com intergenéricos de clima frio e é de se esperar que seja o mesmo com os híbridos mencionados acima.

*Oncidium sarcodes* é um dos *Oncidium*s brasileiros de clima quente e apesar disso hibridadores têm conseguido cruzá-lo com híbridos de *Odontoglossum* de clima frio. Como no caso das *Vuylstekearas*, feitas com *Miltonia spectabilis*, pretendia obter-se flores vistosas e, mais, planta tolerante de calor. A vantagem desses híbridos é que com as *Miltonias* e *Brassias* sendo excluídas, a forma da progênie não fica tão estrelada e o número de flores por haste continua elevado. Os melhores resultados foram com:

*Odcdm.* Hyogo (*Onc. sarcodes* x *Odm.* Stroperry) Onishi, 1978

*Odcdm.* Pegrich (*Onc. sarcodes* x *Odm.* Peggy Richarson) Scardefield, 1979. Ambos os *Odontoglossums* pro-

Ambos os *Odontoglossums* produzem grandes flores redondas de colorido intenso e têm forma excelente. Naturalmente as flores desses híbridos diminuíram de tamanho, mas atingiram rica gama de cores. Os melhores clones têm pétalas e sépalas avermelhadas cobertas de barras marrons e o labelo é quase todo vermelho com amarelo nas bordas.

*Odontoglossum uro-skinneri* tem se tornado uma matriz bastante apreciada por causa do grande labelo rosa em forma de coração. Essa espécie tende a intensificar a cor do híbrido, como o faz o *Odontoglossum bictoniense* e já vários *Oncidium*s brasileiros foram cruzados com *Odm. uro-skinneri*.

*Odcdm.* Dragon Slayer (*Odm. uro-skinneri* x *Onc. forbesii*) J.E. Monnier 1981

*Odcdm.* Indian Summer (*Odm. uro-skinneri* x *Onc. crispum*) Unicorn, 1985

Os dois híbridos são muito florífe-



*Odcdm. Dragon Slayer*  
Cultivo e foto: M. Carpenter

ros, produzindo até 45 flores por inflorescência e o tamanho das flores varia de 5.5 — 6.5cm de diâmetro. As pétalas e sépalas são geralmente verde-pálidas cobertas de pintas e barras marrom-avermelhado e, em alguns clones, os segmentos são totalmente cobertos por essas barras. O labelo é amarelo coberto de pintas vermelhas ficando vermelho sólido em volta da coluna.

Dos intergenéricos de *Odontoglossum* de clima frio, *Odontioda* Carmine tem produzido bons resultados quando cruzada com espécies e híbridos tolerantes a calor, alguns dos quais com *Oncidiums* brasileiros e seus híbridos;

*Wilsonara* Accolade (*Oda. Carmine* x *Onc. concolor*) Rod Mclellan Co. 1975.

*Wilsonara* Red Galaxy (*Onc. Goldiana* x *Oda. Carmine*) Ruben, 1974

*Oda. Carmine* é dominante pela cor vermelho e é um dos poucos casos em que cruzando-se com *Oncidiums* amarelos, a cor da progênie não fica esmaecida. Os dois híbridos produzem muitas flores, de aproximadamente 3.5cm de diâmetro, que são de cor tijolo a vermelho ferrugem em inflorescências ramificadas. *Onc. Goldiana* é cruzamento de *Onc. flexuosum* e como resultado *Wils. Red Galaxy* é bastante florífera e de fácil cultivo.

Neste artigo tenho me restringido aos híbridos onde o *Oncidium* brasileiro aparece como um das matrizes. Vários hibridadores concordam que usando-se o *Oncidium* como terceiro gênero, por ex. através de *Brassidium* ou *Miltonidium*, se consegue maior sucesso. Isto fica mais do que claro quando analisamos estes híbridos (ver o artigo anterior) mas as flores sempre têm forma estrelada devido à *Miltonia* e/ou a *Brassia*. Evitando o uso desses dois gêneros conseguem-se flores de forma menos estrelada, com dominância do *Oncidium* na forma. Usando-se espécies de *Odontoglossum*, os hibridadores obtiveram resultados excelentes e certamente os novos cruzamentos feitos com estes híbridos trarão surpresas ainda melhores. O fator mais importante é que se consiga as cores tão cobçadas dos intergenéricos de *Odontoglossum* de clima frio em plantas bem mais fáceis de se cultivar.

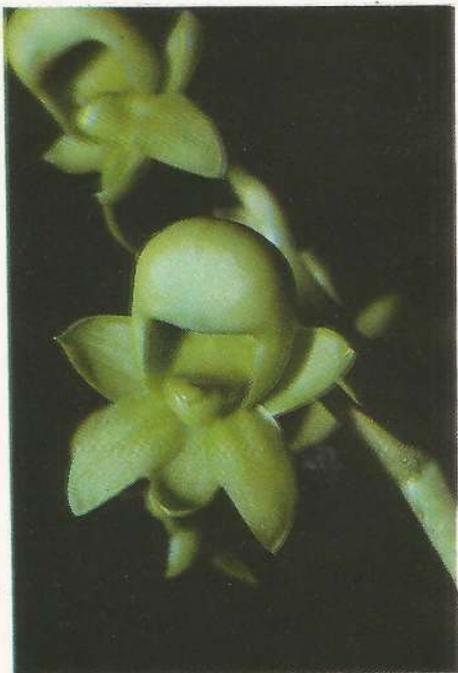
#### Referências

Sander's List of Orchid Hybrids. The Royal Horticultural Society.

## Nota da Orquidário

Desde seus começos a história da tipografia mistura-se com a dos conventos e os conventos, é bem sabido, são lugares de contrição e virtudes. Diz a lenda que o Diabo povoa os conventos, já que adora o desafio de corromper a virtude. Ao laicizarem-se, as tipografias não se livraram das "tropas" de Lucifer, que continuam, aqui e ali, a infernizar a vida de todos que dependem da invenção de Gutenberg. Orquidário foi a mais nova vítima e isto aconteceu, justamente, quando estávamos, orgulhosamente, iniciando uma série de artigos inéditos de Rudolf Jenny, sob o título geral *Alguns Catasetums*.

Os diabinhos da tipografia, aproveitando certamente a confraternização do Natal, deixaram literalmente as coisas de "pernas para o ar", como foi o caso da foto que abre o artigo, da flor feminina do *Catasetum trulla* (pag. 14), além de algumas outras pérolas, que vão corrigidas abaixo.

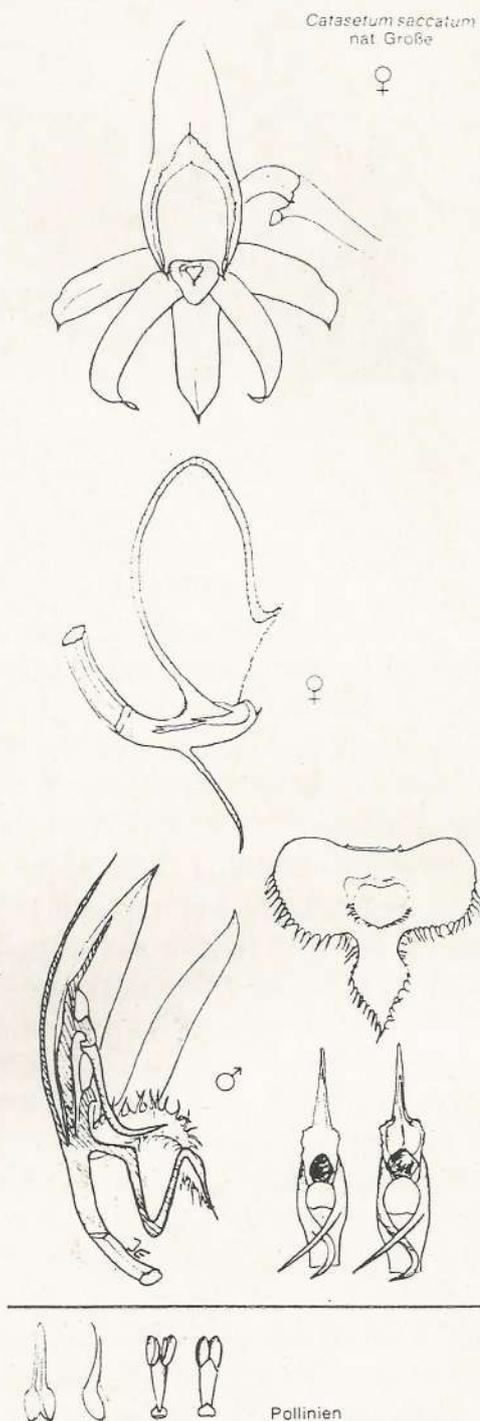


*Catasetum trulla* Ldl.  
Foto e cultivo Rudolf Jenny.

### Errata:

pág. 16 — a foto deve ser vista, tendo-se presente a seguinte legenda: "*Catasetum trulla*, flores masculinas. Foto R. Jenny".

pág. 17 — o desenho, também de autoria de Rudolf Jenny, deve ter seguinte legenda: *Catasetum ochraceum* (descrição na página 21).



Além disto, deixou de publicar-se desenho das partes da flor do *Catasetum saccatum*, o que se faz neste número, em que se retoma a publicação da série de artigos. Dado a forma que tem os textos que o Autor nos remeteu, tratando, isoladamente, cada espécie abordada, entendemos que seria pertinente ini-

ciar, cuidando, ainda, do *Catasetum ochraceum*, sobre que recebemos, para publicação o seguinte aditivo, do Autor, "dessa espécie existem a forma colombiana que apresenta, nas flores masculinas, antenas longas que atingem o interior do labelo, assim como a forma brasileira e venezuelana, com antenas curtas que não chegam nem à metade do fundo do labelo. As duas formas pertencem inquestionavelmente à mesma espécie e, do ponto de vista morfológico, não há diferença. É curioso, contudo, observar que, com base nesse detalhe, e aplicando as disposições da chave em vigor, poder-se-ia dividir os dois tipos em diferentes seções do gênero. Fica evidente, ante isso, que o comprimento da antena não representa critério na chave para identificar um gênero. O mesmo efeito, aliás, nota-se em quase todas as espécies da parentela do *Catasetum callosum*."

Em complemento ao texto sobre o *Catasetum saccatum* enviou, ainda o Autor a seguinte nota:

"Aos sinônimos de *Catasetum saccatum* var. *incurvum*, deverá ser acrescentada a nova espécie *Catasetum trautmanni* Senghas (*Die Orchidee* 41:216.1990).

Esta espécie agora descrita por Senghas, na opinião de Romero, Carnevali e Jenny é, sem dúvida, um sinônimo da espécie *Catasetum incurvum*, descrita originariamente por Klotzsch. A questão de se ela representa uma nova espécie ou, como pretendem Romero e

Jenny, apenas uma variedade de *Catasetum saccatum*, é secundária, porquanto, de qualquer maneira ela detém um nome válido sendo, assim, a classificação de *Catasetum trautmanni*, apenas um sinônimo."

Para ilustrar os artigos tem-nos remetido Rudolf Jenny fotos de sua autoria, de excelente qualidade. Não sendo possível publicar todas, em razão das limitações do orçamento da Revista, estamos pedindo a permissão do Autor para reproduzi-las para o arquivo da *OrquidaRio*. Obtida tal autorização, colocaremos esse material à disposição dos sócios, para projeção e consulta, como, ainda e mediante indenização de custos, para remeter cópias aos que solicitarem.

Rudolf Jenny, que é antigo e experiente orquidólogo, tanto quanto ativo colaborador livre da Universidade de Berna, na Suíça, participa também, intensamente, das atividades da *Deutsche Orchiden Gesellschaft*, com textos, fotografias e desenhos, renova por nosso intermédio, o apelo transmitido no artigo anterior, para a remessa de material que lhe ajudará na tarefa que empreende de revisão do gênero *Catasetum*.

Não nos privemos da leitura dos textos que seguem e prosseguirão no próximo número.

Raimundo A.E. Mesquita  
Presidente

## Alguns CATASETUMS

Rudolf Jenny \*

Tradução Waldemar Scheliga

### **Catasetum microglossum**

Rolfe (1913)

#### **Ocorrência:**

Peru, na encosta oriental dos Andes em altitudes entre 800 a 1800 m.

#### **Características Confundíveis:**

*Catasetum microglossum* destaca-se das demais espécies do gênero pela for-

ma simples do labelo muito pequeno. Como espécie aproximada poderia se mencionar o *Catasetum bicolor*; porém, essa espécie tem os lóbulos laterais em forma digitada, semelhante à quatro dedos, o que falta no *Catasetum microglossum*. Com as espécies de parentesco mais afastado como *Catasetum callosum*, *Catasetum juruense*, *Catasetum cristatum* e *Catasetum barbatum*, não poderá haver engano devido a constituição da flor.

#### Variedades:

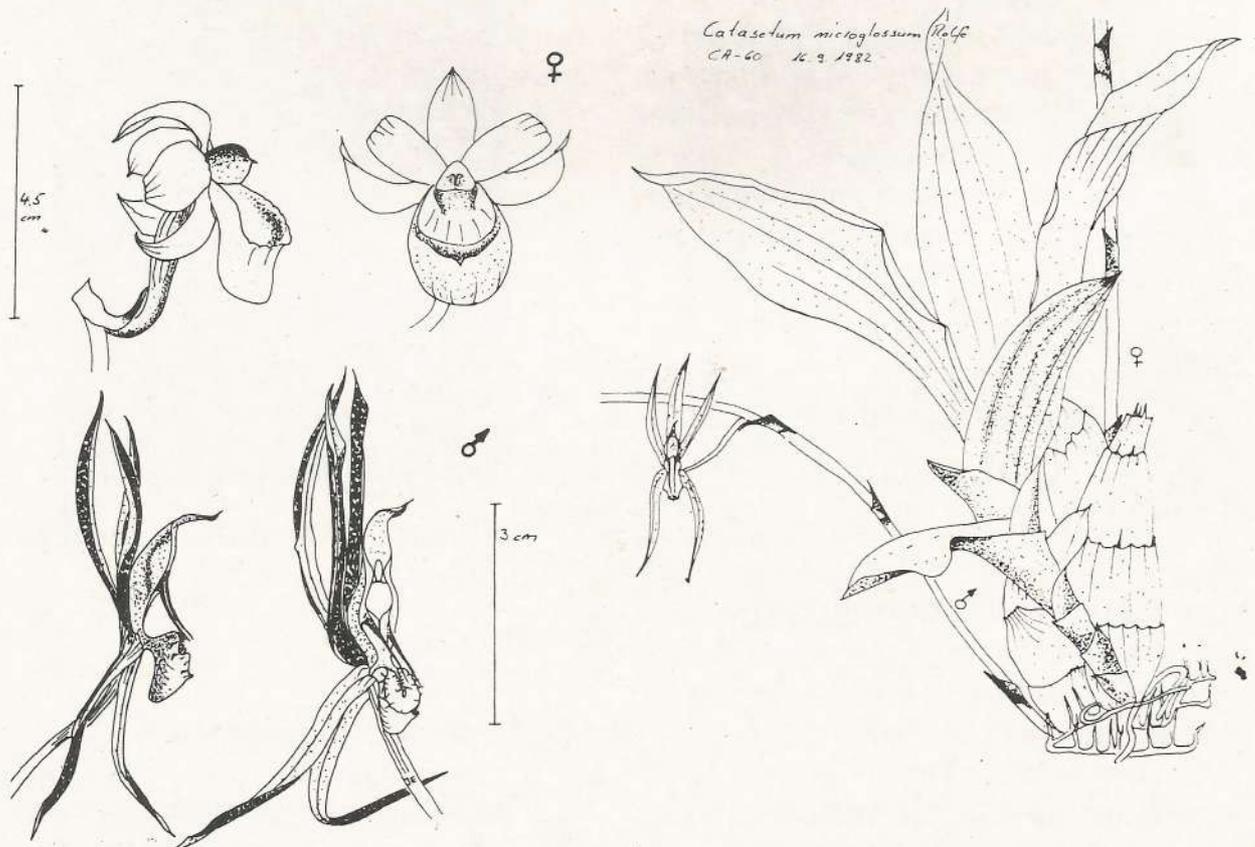
*Catasetum microglossum*, como acontece com muitas espécies desse grupo, varia consideravelmente na coloração da flor. Já foram vistas formas com flores inteiramente vermelho-escuro, bem como outras de cores vermelho-claro até salmão. Também o tamanho da flor difere muito, sendo que isso decorre mais do modo do cultivo ou da influência do ambiente em que vive a planta no seu habitat. Tal como as flores, o tamanho da planta, também, varia pelos mesmos motivos.



*Catasetum microglossum* flor masculina  
Foto: R. Jenny

#### Histórico:

Em Novembro de 1911 W. FOX encontrou sobre o tronco de uma árvo-



re, junto a uma maloca, perto do Rio Igaraparana, afluente do Rio Purumayo no Peru, um *Catasetum* desconhecido, para ele. Levou a planta para Kew na Inglaterra, onde depois floresceu. R.A. ROLFE, então curador do Jardim Botânico, considerou-a como espécie nova e fez sua classificação. A descrição foi publicada no Curtis's Botanical Magazine, em 1913, acompanhada de desenho de boa qualidade. O relacionamento mais próximo de *Catasetum microglossum* é com *Catasetum bicolor* e *Catasetum callosum*. Destaca-se porém, de maneira inconfundível, pela forma do labelo. Tal como se observa em muitas espécies de *Catasetum*, existem diferenças extraordinárias na forma e na coloração das flores masculinas e femininas. A inflorescência de *Catasetum microglossum* costuma ser meio ereta até levemente pendente. As inflorescências com flores femininas são muito mais compactas, mais longas e aprumadas. Inflorescências portando simultaneamente flores masculinas e femininas até agora não foram observadas.

***Catasetum sanguineum* Ldl. & Paxton (1854)**

*Catasetum naso* Hooker (non Ldl.) (1854)

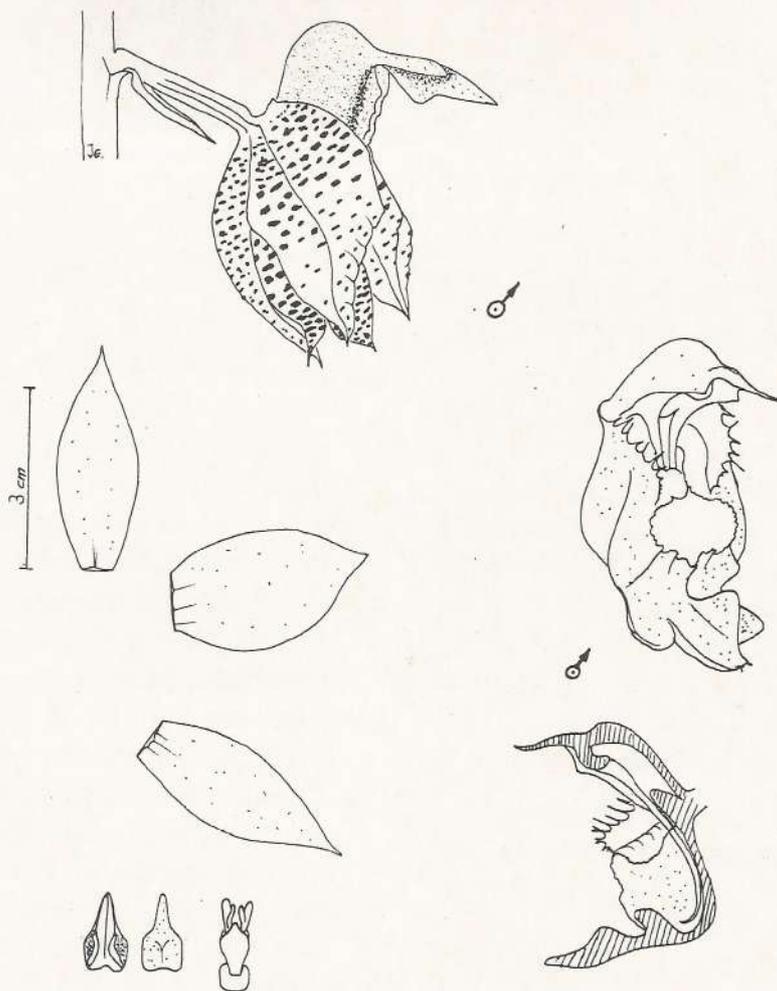
*Myanthus sanguineus* hort. ex Linden (1852)

**Ocorrência:**

Guiana, Venezuela e Brasil. Também nos territórios limítrofes com a Venezuela, da Colômbia até Peru. A ocorrência na Costa Rica e no Panamá até agora não foi devidamente comprovada.

**Características Confundíveis:**

*Catasetum sanguineum* é muito variável na coloração e na forma do lóbulo frontal do labelo. Seu aparentado mais próximo é o *Catasetum naso* Ldl. Este porém, pelo desenho da flor do tipo de LINDLEY em Kew, mostra um lóbulo frontal sem os lóbulos laterais.



*Catasetum sanguineum* não é confundível com outras espécies.

#### Variedades:

Essa espécie varia principalmente na coloração das flores. São mais conhecidas as formas de cor verde com o labelo suavemente traçado de vermelho, ao lado de formas com labelo vermelho-escuro e sépalas e pétalas salpicadas de vermelho-escuro. A variação está principalmente na forma do lóbulo frontal. Este é nitidamente trilobado, enquanto os lóbulos laterais tanto podem ser de orla lisa ou fortemente denticulada. Também já foram encontradas formas com um único lóbulo frontal.

*Catasetum sanguineum* var. *integrale* Rchb.f.

(Gardeners' Chronicle 2: 214.1887)

Frontal unilobado com margens arredondadas e denticuladas com pequena ponta no centro. Foi descrita segundo uma planta da coleção de BULL, Inglaterra. De conformidade com o material disponível, trata-se de uma legítima variedade de *Catasetum sanguineum*.

*Catasetum sanguineum* var. *viride* (Moore) Jenny

(Die Orchidee ined.)

sin. *Catasetum naso* var. *viride* Moore (Illustrations of Orchidaceous Plants 1857:t.2.p.7)

Conforme a ilustração de HOOKER no Curtis's Botanical Magazine trata-se de uma flor de colorido mais para o pálido, com o labelo frontal trilobado de margens lisas. Essa variedade deve ser mudada corretamente para *Catasetum sanguineum* var. *viride* MOORE, contrariando a opinião de LINDLEY que havia considerado *Catasetum sanguineum* como sinônimo de *Catasetum naso*.

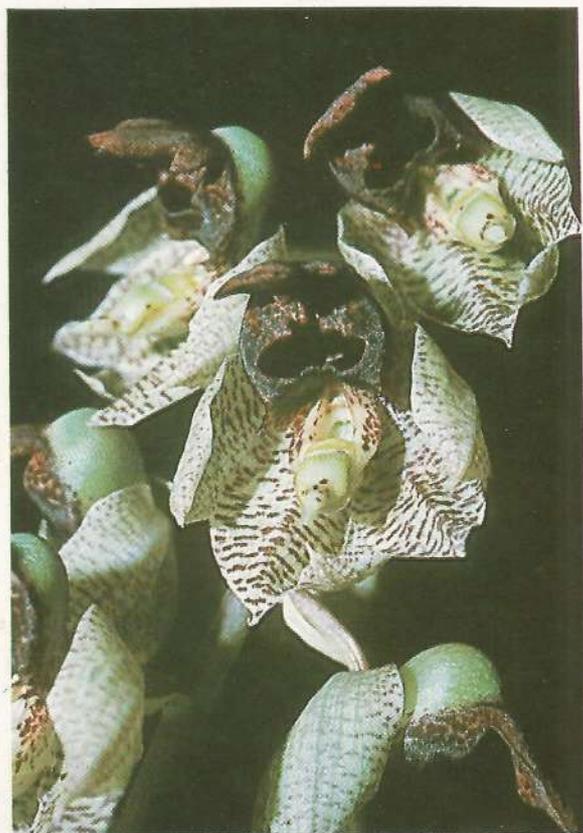
*Catasetum sanguineum* var. *pictum* (Moore) Jenny

(Die Orchidee ined.)

sin. *Catasetum naso* var. *pictum* Moore

(Illustrations of Orchidaceous Plants 1857:t.2.p.7)

Variedade de colorido mais intenso e escuro, com labelo frontal trilobado e lóbulos laterais com margens denticuladas de maneira rudimentar. Essa variedade pelos motivos acima mencionados também precisa ser reclassificada.



*Catasetum sanguineum* flor masculina  
Foto: R. Jenny

#### Histórico:

John LINDLEY em 1854 fez a primeira descrição botânica válida de *Catasetum sanguineum* (Paxton's Flower Garden 3:40.1884) baseado numa planta originária do horto de LINDEN, Gent, levada para a Inglaterra por Thomas BROCKLEHURST e cultivada pelo seu jardineiro Thomas PASS. Anteriormente LINDEN já oferecia a mesma espécie em seu catálogo sob o nome de *Myanthus sanguineus* e o forneceu a vários orquidófilos da Europa. Informações de várias fontes indicam que LINDEN em 1849 havia importado uma partida do coletor SCHLIM da Colômbia. Uma ilustração colorida e bem nítida dessa forma coletada por SCHLIM, encontra-se no

belo livro "Pescatorea" de LINDEN de 1860. Contudo, uma descrição válida com o nome *Myanthus sanguineus* não foi feita por LINDEN. Portanto, foi LINDLEY quem deu à espécie um nome válido.

A primeira publicação de uma ilustração em cores de *Catasetum sanguineum* foi realizada por William Jackson HOOKER, no *Botanical Magazine* (80:t.4792.1854), porém, com o nome errôneo de *Catasetum naso* Ldl. A prancha reproduz a forma normal de uma inflorescência e isoladamente uma flor com o labelo de frontal trilobado e os lóbulos laterais franjados. Ambas se enquadram, inequivocamente, no conceito de LINDLEY quanto ao *Catasetum sanguineum* e não ao do *Catasetum naso* (Ewards' *Botanical Register* 29:misc.71.1843) descrito pelo mesmo autor.

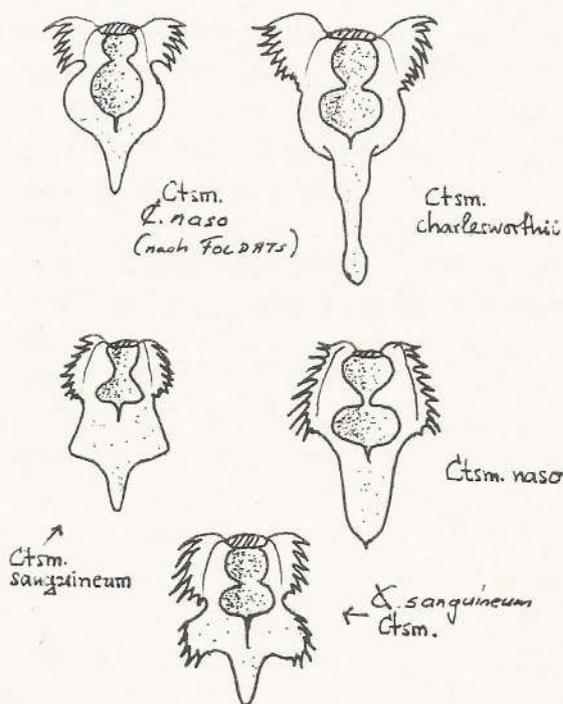
Thomas MOORE em 1857 (*Illustrations of Orchidaceous Plants* 1857:t.2.p.7) criou dessas duas formas as variedades *Catasetum naso* var. *viride* e *Catasetum naso* var. *pictum*, sem tomar em consideração tratar-se na realidade de ilustrações de *Catasetum sanguineum* e não, como foi afirmado

por HOOKER, de *Catasetum naso*. Os dois tipos de *Catasetum naso* e *Catasetum sanguineum* existentes no Herbário de Kew mostram de cada um, um claro desenho da flor e daí pode-se observar nitidamente o que LINDLEY queria expressar. Em conclusão, as duas variedades estatuídas por MOORE foram aqui devidamente alteradas.

GARAY e DUNSTERVILLE (Venezuela Orchids Illustrated 2: 62.1961), ademais, ainda expõem convincentemente que é conhecida a existência de formas de *Catasetum sanguineum* com labelo frontal trilobado e orla denticulada ou lisa. A forma com o labelo unilobado, ilustrado pelos autores na mesma prancha, mostra inequivocamente o *Catasetum naso* sensu LINDLEY.

A prancha publicada por E. FOLDATS (T. LASSER, *Flora de Venezuela* 15:part.4.93.1970) sob a denominação *Catasetum naso*, mostra uma forma com apenas um lóbulo dianteiro, muito alongado e estreito. No herbário de Kew acha-se um tipo com exatamente a mesma forma com o nome *Catasetum naso* var. *Catasetum charlesworthii*. O tipo pertence à *Catasetum charlesworthii*, descrito em 1928, no *Gardeners' Chronicle* e transferido em 1933 por MANSFELD para *Catasetum naso* var. *charlesworthii*. A planta veio do Peru, importada pela firma CHARLESWORTH, Inglaterra e apresentada à Royal Horticultural Society em Londres. É duvidoso se essa planta realmente representa uma variedade de *Catasetum naso*, sendo mais provável que seja uma espécie peculiar do mesmo grupo. De qualquer maneira é certo que a planta ilustrada por FOLDATS nada tem a ver com *Catasetum sanguineum*.

Resumindo, fica constatado que *Catasetum sanguineum* Lindley, apesar do inquestionável parentesco, não é idêntico ao *Catasetum naso* Lindley e que a prancha publicada por HOOKER no *Curtis Botanical Magazine* com o nome errôneo de *Catasetum naso* na verdade mostra duas variedades diferentes de *Catasetum sanguineum*.



**Catasetum tenebrosum** (1910)  
**Kränzlin (1910)**

**Ocorrência:**

Até agora só foram encontradas no Peru e Equador, na encosta oriental dos Andes.

**Características Confundíveis:**

*Catasetum tenebrosum* não se confunde com qualquer outra espécie. O vermelho-escuro, quase preto, das sépalas e pétalas e o labelo carnudo de cor amarela com a orla entalhada semelhante a mandíbula, são marcas inconfundíveis. *Catasetum tenebrosum* pertence ao parentesco de *Catasetum callosum* e *Catasetum deltoideum*.

**Variiedades:**

*Catasetum tenebrosum* aparentemente não tem variado na forma, nem na coloração das flores e, até agora, não se conhece qualquer descrição de variedade dessa espécie.

**Histórico:**

KRÄNZLIN descreveu essa espécie altamente decorativa no *Gardeners' Chronicle* em 1910, baseado numa planta que WOLTER de Magdeburgo, Alemanha, importou do Peru. KRÄNZLIN ainda mencionou que essa espécie anteriormente já tinha chamado a sua atenção no herbário de Kew e de Berlim. Porém, nos dois casos, o material não tinha nome. Por sua vez, Charles SCHWEINFURTH,



*Catasetum tenebrosum* flor masculina  
Foto: R. Jenny

ao fazer a revisão das orquídeas do Peru (*Fieldiana Botany* 30: 591.1960) escreveu que existia também no British Museum material de *Catasetum tenebrosum* mais antigo do que o descrito por KRÄNZLIN e que tinha sido colhido no sul do Peru e cultivado na Inglaterra por W.E.BALSTON. A prancha em cores publicada por O.STAF em 1925 no *Curtis's Botanical Magazine* (151:t.9086.1925) foi desenhada com base em planta do Peru e pertencente à coleção de A. SOLF. A mesma planta, por intermédio de Maria von BEUST, chegou ao Jardim Botânico de Zurique e, de lá, foi para Kew. *Catasetum tenebrosum* se situa entre as espécies mais bonitas e procuradas desse gênero e hoje é uma raridade entre os cultivadores.

\* Rudolf Jenny — Moosweg 9 — 3112 Allmendingen — Suíça.

# Nossas Orquídeas Menores

## O gênero *Eulophidium* Pfitz.

Augusto Fernandes Neves \*

*Eulophidium* Pfitz., *Naturl. Anord. Orch.* 87 et 88. 1887.

**E**rvas terrestres ou subepifíticas, de medianas até grandes. Talos secundários a princípio curtíssimos, revestidos com várias bainhas, depois engrossados em pseudobulbos unifoliados ou raramente bifoliados. Folhas coriáceas, alargadas, freqüentemente variegadas. Inflorescência em racimo emergente da base do pseudobulbo em pedúnculo erecto, alargado, pauci até multiflora, ou menos freqüentemente em panícula. Flores pequenas ou medianas. Brácteas membranáceas, compridas e estreitas, agudíssimas. Sépalos semelhantes, livres, os laterais patentes e adjacentes ao pé da coluna. Este curtíssimo. Pétalos similares ao sépalo dorsal, por vezes mais largos. Labelo erecto, trilobado, por vezes tetralobado nas espécies não americanas, por cima da base contraído curtamente; lobos laterais erectos, algo amplexos à coluna; lobo intermédio patente até encurvado, truncado, por vezes conspicuamente bilobulado; disco desnudo ou mais freqüentemente bilamelado. Coluna curta e grossa, sem asas, com pé curto; clinândio oblíquo, ereto, simples; antera terminal, operculada, incumbente, subsemiglobosa unilocular até imperfeitamente bilocular; poli-

neas: 2, cerosas, amplamente ovóides, ligeiramente unissulcadas, inapendiculadas. Cápsulas estreitas e oblongoideas. Este gênero possui umas 10 espécies distribuídas nos trópicos e subtropicos, tanto no novo quanto no velho mundo. Algumas espécies são amplamente distribuídas e as encontramos em mais de um continente. A América tropical e subtropical está representada apenas por uma espécie. Madagascar (República Malgaxe) está representada por cinco espécies, acreditando-se seja ali o ponto de origem desse gênero intercontinental.

*Euloph. maculatum* (Lindl.) Pfitz., *Naturl. Anord. Orch.* 88. 1887; *Angraecum maculatum* Lindl., *Collect. Bot.* t. 15. 1821; *Limodorum maculatum* (Lindl.) Lood., *Bot. Cab.* 5: t. 496. 1822; *Geodorum pictum* Link., *Ic. Pl. Select. Hort. Berol.* t. 14. 1821; *Aerobium maculatum* (Lindl.) Spreng., *Syst. Veg.* 3: 718, 1826; *Epidendrum connivens* Vell., *Fl. Flum.* 9: t. 44. 1827; *Oeceoclades maculata* (Lindl.) Lindl., *Gen. and. Sp. Orch. Pl.* 237. 1833 (p.p.); *Eulophia maculata* (Lindl.) Rchb. f., *Walp. Ann. Bot.* 6: 1863; *Eulophia ledienii* Stein., *Gartenfl.* 609. 1888; *Eulophidium ledienii* (Stein.) Willd., *Ann. Mus. Congo*, ser. 5, 1: 115. 1904.

N.A. — Presentemente esta espécie é tida e aceita nas hostes científicas, como: *Oeceoclades maculata*. Ervas terrestres ou subepifíticas. Pseudobulbos erectos até ereto-patentes, retos ou ligei-

\* Augusto Fernandes Neves  
R. João Papaterra Limongi, 51  
05518 — São Paulo — SP



ramente oblíquos, numerosos, densamente agregados, ovóideos, oblongo-ovóideos até elipsóideos, algo compressos, fortemente atenuados para o ápice, unifoliados, raramente bifoliados, glabros, uns 2-4 cm de comprimento e 1-2 cm de largura, revestidos, quando jovens, por várias bainhas

membranáceas, aovadas, agudas até curtamente acuminadas, brandamente imbricadas, tenuemente multinervadas, evanescentes, as interiores com 5-9 cm de comprimento e as exteriores menores. Folhas rijas, carnosocoriáceas, planas até ligeiramente côncavas, ere-

tas, até ereto-patentes, oblongas, oblongo-liguladas ou oblongo-elípticas, agudas, atenuadas para a base, algo pecioladas, verdes e com a face superior transversalmente variegadas por um verde mais escuro, uns 15-32 cm de comprimento e 2-6 cm de largura. (O variegado das folhas não se firmam no material seco). Inflorescência em racimos ou por certas vezes apresentando curtas ramificações laterais, geralmente apenas uma, laxamente 5-15 flores. Pedúnculos com 2,5-4 mm de espessura, revestidos de bainhas membranáceas na porção inferior, estas agudas até ligeiramente acuminadas, aplicadas, tubulosas, multinervadas, de coloração verde pálido. Flores mais ou menos patententes até subnutantes, brancas, róseo esverdeadas ou por vezes de coloração róseo-pálidas. Ovário pedicelado, linear, obtusamente trígono, ligeiramente encurvado até subreto, uns 8-20 mm de comprimento. Brácteas membranáceas, subaplicadas, aovado-lanceoladas até estreitamente lanceoladas distendidamente acuminadas, fortemente côncavas, finamente plurinervadas, uns 3-13 mm de comprimento. Sépalos membranáceos, ereto-patentes, uns 8-13 mm de comprimento; sépalo dorsal oblongo até lanceolado, agudo, atenuado para a base, uns 2-2,6 mm de largura; sépalos laterais oblongos ou estreitamente oblanceolados, falcados, agudos, algo atenuados para a base, por vezes mais curtos que o sépalo dorsal e uns 2,2-3 mm de largura. Pétalos membranáceos, ereto-patentes, oblongo-lanceolados, por vezes oblongo-elípticos, ligeiramente oblíquos, obtusos até agudos, bastantemente atenuados para a base, subplanos, uns 8-12,5 mm de comprimento e 3-3,5 mm de largura. Labelo membranáceo, fortemente recurvo; a lâmina côncava, aovado-quadrangular ou subquadrada, subarredondada na base e na porção central profundamente trilobada, 7-8,5 mm de comprimento, 7,5-10 mm entre os ápices dos lobos laterais, 6-8,2 mm de largura no lobo mediano; lobos laterais

com raias roxo escuras, na posição natural encurvados, semi-arredondados ou amplamente semi-obovados, arredondados no ápice; lobo mediano amplo e obovado, reniforme até transversalmente oblongo, bordos apenas ondeados, ápice ligeira ou fortemente emarginado e por vezes diminuto-apiculado. Coluna ereta, ligeiramente encurvada, semiterete, uns 4-5 mm de comprimento. Cápsulas obtusamente trígonas e tenuemente 6-sulcadas, retas até apenas encurvadas, uns 3 cm de comprimento e 7-8 mm de largura.

Esta espécie está distribuída pela África Tropical, Venezuela, Brasil (tipo), Paraguai, Argentina, Peru, Trinidad e Guianas.

No Brasil está disperso pelos estados de Amazonas, Roraima, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Pará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Goiás e Mato Grosso do Sul.

Acreditamos que possa ela existir ainda no Mato Grosso e Rondônia, pois ainda temos poucos trabalhos de coleta e pesquisas lá realizados. Não possuo nenhuma documentação impressa a respeito de sua localização no Rio Grande do Norte, porém, desde meus primeiros contatos com o Dr. Roberto Guerra, o citado companheiro mandou-me um seu desenho em que retratava esta espécie. Ainda recentemente, Set./90, em visita que este nosso companheiro me fez, tivemos a oportunidade de abordar sobre a larga dispersão desta orquídea. Nada conseguimos quanto a confirmação de sua existência no Pará, talvez pelo fato pelas mesmas razões relacionadas com Mato Grosso e Rondônia.

Não vemos esta espécie comumente nas exposições e nas coleções, muito embora sejam plantas, quando bem cultivadas (o que é extremamente fácil), possuidoras de muita graça e beleza, não apenas pela coloração de suas flores, como igualmente pela graciosidade de suas variegadas folhas.

# Nomenclatura de Orquídeas

Roberto Agnes(\*)



Grupo de híbridos complexos de *Paphiopedilum* mostra a importância do nome correto. Todas as plantas têm linhagem diferente, embora todas as flores sejam bastante semelhantes.

Foto — Roberto Agnes

Um problema que os iniciantes enfrentam quando começam a frequentar reuniões orquidófilas é a terminologia usada na denominação dos vários tipos de orquídeas.

Basicamente as orquídeas em cultivo podem ser divididas em espécies e híbridos. Espécies são plantas com origem na natureza e que são descritas por taxonomistas. Híbridos são resultados do cruzamento entre mais de uma espécie. O híbrido natural é resultado do cruzamento de duas plantas por agente natural de polinização (um inseto,

por exemplo) e um híbrido artificial é feito por um orquidófilo, geralmente com um certo objetivo em mente.

A nomenclatura das orquídeas segue um conjunto de regras que são respeitadas por todos pelo mundo afora. Uma espécie se compõe de dois nomes, por ex:

*Cattleya labiata*

*Cattleya* é o nome genérico (nome do gênero) e sempre é escrito em itálico, começando com inicial maiúscula. *labiata* é o epíteto específico (nome da espécie), também sempre escrito em itálico, mas com inicial, minúscula. O nome genérico junto com o epíteto

\* Travessa Pepe, 98/201, Botafogo, Rio.

*específico* é conhecido como *nome específico*.

Quando a planta de uma espécie tem uma característica distintiva usamos um *nome varietal*, ou variedade, por ex:

*Cattleya labiata* var. *alba*

Alba é o *epíteto varietal* sublinhando o fato de ser uma forma branca (alba) da espécie.

Quando a planta tem uma característica desejável, (boa forma, boa cor, etc.) e o dono deseja distingui-la das demais plantas da mesma espécie, um *nome cultivar* é usado, por ex:

*Cattleya labiata* 'OrquidaRio'

'OrquidaRio' é o *epíteto cultivar*, sempre é colocado entre aspas e é escrito em letras romanas.

Uma espécie pode ser propagada por vários métodos, o mais comum é a autofecundação da planta, indicando-se isso, no nosso exemplo, como *Cattleya labiata* X self (autofecundação). Muitas vezes encontramos em catálogos o que parece ser um híbrido de duas espécies quando de fato está se tratando do cruzamento de dois clones diferentes da mesma espécie, por ex: *Cattleya labiata* 'Redonda' x *Cattleya labiata* 'Escura'. Isto NÃO é um híbrido, e a planta resultante continua a ser uma *Cattleya labiata* e toda a progênie se chamará assim só que nenhuma planta dessa progênie poderá ter os *epítetos cultivar* Redonda ou Escura, pois elas pertencem às matrizes usadas.

Os híbridos resultam do cruzamento de duas espécies que podem ser do mesmo gênero ou de gêneros compatíveis.

Uma grande variedade de híbridos naturais tem sido descrita por taxonomistas e o tratamento de nomenclatura é específico nestes casos. Quando as duas espécies são do mesmo gênero o

híbrido é conhecido como híbrido interspecífico, por ex: *Cattleya* x *interguttata* (*Cattleya intermedia* x *guttata*). Um sinal de multiplicação é colocado entre o nome genérico e o segundo nome, que é chamado de *epíteto coletivo*, juntando os dois termos forma-se o *nome coletivo*. Os dois termos são sempre escritos em itálico e o nome genérico tem a inicial maiúscula.

Quando o híbrido natural é resultado de espécies de dois gêneros diferentes é chamado de híbrido *intergenérico*. Geralmente o novo nome genérico deriva de elementos dos dois gêneros formadores desse híbrido, por ex: *Laeliocattleya leena* (*Cattleya loddigesii* x *Laelia pumila*). Antigamente um sinal de multiplicação era colocado na frente do *nome genérico* mas essa prática parece ter sido abandonada.

A situação se complica um pouco quando chegamos aos híbridos artificiais que podem se formar de, até, cinco gêneros diferentes. O primeiro nome é o *nome genérico*

O segundo nome é o *epíteto coletivo* e é escrito com letras romanas iniciando com uma maiúscula.

É usual referir-se a um híbrido como grex, sendo que em lugar de usar *epíteto coletivo* usa-se *epíteto de grex* e ao em vez de *nome coletivo* usa-se *nome de grex*, por ex:

*Sophrolaelia* Orpetii (*Sophronitis coccinea* x *Laelia pumila*)

*Sophrolaelia* = *nome genérico*

Orpetii = *epíteto de grex*

*Sophrolaelia* Orpetii = *nome de grex*

Todas as plantas do cruzamento de *Sophronitis coccinea* com *Laelia pumila* são chamadas de *Sophrolaelia* Orpetii, independentemente dos cultivares, ou variedades, usados.

Quando desejamos distinguir um clone do grex de outro, damos diferentes *epítetos cultivares*:

*Sophrolaelia* Orpetii 'Yano'

*Sophrolaelia* Orpetii 'Ascot'

Um *nome cultivar* somente poderá ser usado em um clone particular de um grex e há somente dois métodos pelos quais este clone pode ser propagado e ainda manter o mesmo *nome cultivar*.

Primeiro, por divisão da planta, neste caso ambas as divisões continuarão com o mesmo *nome cultivar*. Segundo, meristemas podem ser feitas da planta (clones idênticos são produzidos em laboratório) e todos os meristemas trazem o mesmo *nome cultivar*.

Seguindo essa regra toda progênie de *Sophrrolaelia* Orpetii x self terá o nome de grex *Sophrrolaelia* Orpetii mas nenhuma planta dessa progênie poderá se chamar *Sophrrolaelia* Orpetii 'Ascot'.

Quando o híbrido intergenérico é restrito a dois gêneros é, compõe-se o nome genérico com elementos dos gêneros usados:

*Brassocattleya* = *Brassavola* x *Cattleya*

*Odontocidium* = *Odontoglossum* x *Oncidium*

Embora existam casos, como exemplificaremos, quando um terceiro gênero é introduzido no híbrido torna-se um pouco mais difícil criar um novo *nome genérico* usando elementos de cada gênero que formou o híbrido, os nomes ficam quase impraticáveis;

*Brassolaeliocattleya* = *Brassavola* x *Cattleya* x *Laelia*

*Sophrrolaeliocattleya* = *Cattleya* x *Laelia* x *Sophrnitis*

A solução mais prática é inventar um novo *nome genérico*, sempre seguido do sufixo grego "ara".

*Hagerara* = *Doritis* x *Phalaenopsis* x *Vanda*

*Vuylstekeara* = *Cochlioda* x *Miltonia* x *Odontoglossum*

No caso de nomes quadrigenéricos e quinqüegenéricos a criação de novos *nomes genéricos* se torna uma necessidade;

*Potinara* = *Brassavola* x *Cattleya* x *Laelia* x *Sophrnitis*

*Yahiroara* = *Brassavola* x *Cattleya* x *Epidendrum* x *Laelia* x *Schomburgkia*

Em muitas revistas e catálogos é comum abreviar o *nome genérico* da maioria das orquídeas (economiza-se tempo!). Geralmente essa abreviação se deriva das letras principais do *nome genérico*. A lista compõe-se dos híbridos mais comumente achados em coleções.

*Blc.* = *Brassolaeliocattleya*

*Brsdm.* = *Brassidium*

*Ctna* = *Cattleytonia*

*Lc.* = *Laeliocattleya*

*Mtssa.* = *Miltassia*

*Odtna.* = *Odontonia*

*Pot.* = *Potinara*

*Sl.* = *Sophrrolaelia*

*Vuyls.* = *Vuylstekeara*

*Zcx.* = *Zygodolax*

Ver Orquidário, vol. 3, nº 1, página 12, bem como o Manual de Iniciação, Ed. OrquidaRio, pág. 21 e seguintes para lista mais completa.

O nome de uma orquídea é de importância fundamental, através dele podemos levantar todo o histórico da planta. Alguns híbridos complexos já têm mais de sessenta anos de antepassados e sem o registro sério e o uso correto dos nomes das matrizes seria impossível identificar corretamente essas plantas. Muitas vezes há cultivadores que trazem plantas sem identificação para as reuniões e exposições e, para sua exasperação, ninguém consegue identificar essas plantas. A razão é óbvia, já foram feitas dezenas de milhares de híbridos e casos há de híbridos cujas flores são parecidas, mas que têm uma geneologia completamente diferente, tornando-se assim quase impossível a sua correta identificação. Uma vez que compramos uma planta corretamente identificada é de todo importante mantê-la identificada, já que, esse, é o seu "pedigree".

# A vida da orquídea fora do frasco

Raimundo Mesquita \*

**P**assou um ano desde que fizemos a nossa primeira sementeira (Orquidário, vol. 4, n.º 1, págs. 21/26). Nesse período vencemos a contaminação, inimigo ardiloso com seus exércitos de microrganismos, prontos para desenvolverem-se ali onde só esperamos o surgimento de pequenas protuberâncias, verdes, indicando que surgiu a clorofila, brotou a vida. Mas, vencemos por fim, não houve microrganismos, mantivemos os frascos em temperatura adequada, que nunca ultrapassou os 28º centígrados. A gelosia não secou, porque soubemos dosar a quantidade de água, que recobriu, umedecendo, a superfície do meio de cultura que preparamos. O teor de luz que propiciamos à germinação, primeiro, e, depois, às plântulas foi controlado para ir sendo aumentado, a partir de quase obscuridade, até chegar ao ponto ótimo, algo próximo de 70% da luminosidade que oferecemos à planta adulta do mesmo gênero e espécie.

O fundo do frasco, onde se assenta o meio de cultura parece uma pequena floresta, de um verde viçoso e a gelosia está cheia de raízes.

É a hora de saírem as plantinhas, para prosseguirem na sua luta pela vida, até a floração, que está a um bom par de anos na frente...

Mas, nem sempre foi assim, sem sobressaltos, o seu desenvolvimento. Casos houve em que tiveram que sair do frasco, mas para entrar em outro frasco, por que se continuassem naquele arriscavam morrer ou, pelo menos de-

envolver mal, tornando-se fracas e prometendo um futuro de problemas, no estágio posterior.

Por isso, faço um intermezzo sobre a vida dentro de outro frasco, antes da liberdade do vaso coletivo.

## 1 — *A vida dentro de outro frasco*

Os motivos que tornam aconselhável trocar de frasco são variados:

a) você errou na mão e caíram mais pingos do que era desejável (lembre, 2 ou 3, no máximo 4) e as sementes eram muito férteis; germinando, em pouco tempo encheram o substrato disponível, mas as plantas não estavam, ainda, suficientemente fortes para serem levadas ao vaso coletivo; b) algumas plântulas, depois de germinadas como as outras, secaram e morreram, deixando uma tóxica massa marrom, envenenando as outras, ainda sadias; c) depois da germinação inicial e formação de folhas, as plantinhas não arrancavam, pararam de crescer, apresentando sinais de carências nutricionais, folhas que amareleciam e secavam, seguro indicativo de que o meio de cultura esgotou os nutrientes e de que as plantinhas necessitavam de substrato novo; d) apesar de bem fechado (tanto que não deixou passar microrganismos patogênicos) o frasco secou inteiramente, ressecando o meio de cultura (às vezes, uma nova injeção, só com água esterilizada, resolve).

Você chegou à conclusão de que as plantinhas não têm porte suficiente, nem raízes com o tamanho necessário (2 a 3 cm) para enfrentarem o ambien-

\* Rua Dona Mariana n.º 73/902  
Botafogo, Rio — RJ — 20.280

te já mais agressivo de um vaso coletivo.

É a hora de ir à “capela”, ou então arriscar perder o que está vivo dentro do frasco. Vamos repicar.

2 — *Repicando* — Depois de ter semeado sem “capela”, o que é muito prático e seguro, fica meio aborrecido ter que recorrer à capela, objeto que imaginamos caro e complicado de operar (de fato, trabalhar com os braços enfiados em 2 buracos pequenos exige que adquiramos uma certa prática).

É possível, porém, ter uma capela, com bom nível de assepsia, de baixo custo. Há, até quem as construa com caixa de cartão, revestida internamente com papel de alumínio, desses que se compram aos rolos nos supermercados. A tampa do visor superior é feita

com filme plástico transparente.

### 2.1 — *A caixa de repique*

Para essas ocasiões eu tenho uma caixa de madeira, com tampo de vidro. As paredes internas são revestidas de fórmica, podendo ser de outro material que agüente as lavagens e limpezas de esterilização.

Nessa “capela” instalei alguns equipamentos, que se podem ver nas duas fotos seguintes: uma lâmpada germicida, ultravioleta; outra, lâmpada fluorescente, para clarear bem o ambiente de trabalho. Fora da caixa e entre os orifícios para os braços, um desses aparelhos de esterilização do ar atmosférico, que sofre, assim, uma primeira filtragem.



Capela sendo preparada para operação. A luz, inferior, acesa, é germicida — UV. Ao fundo, frascos com meio de cultura, apenas cobertos de papel laminado.

Já esterilizada e pronta para operar e iluminada para trabalho. Já se removeu a cortina de plástico que, na primeira foto, protegia os orifícios para os braços.



## 2.2 — Esterilização da caixa

1º — Lavar bem, com água e sabão, enxaguar e secar com toalha de papel.

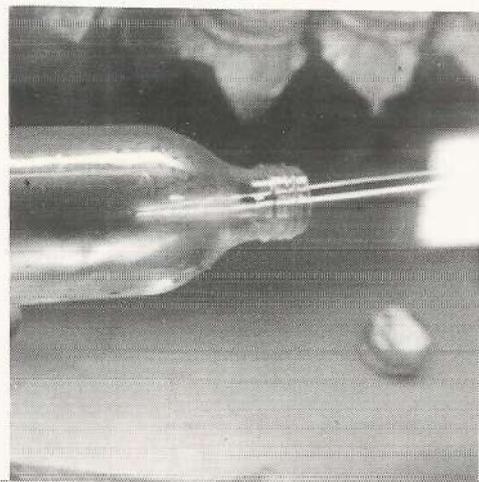
2º — Usando luvas de borracha, esfregar bem com um algodão embebido em hipoclorito de cálcio (a solução, com cloreto de cal, está indicada no primeiro artigo), todas as paredes e deixar secar.

3º — Acender a lâmpada germicida, por meia-hora, imediatamente antes de operar, desligando minutos antes do início do trabalho de repique (*Atenção*, as lâmpadas ultravioletas são nocivas aos olhos, pele e, também, às plantinhas, por isso desligá-las é fundamental para a saúde de ambos, sua e de sua planta).

4º — Pelos orifícios dos braços, borrifar álcool isopropílico (o comum serve, embora não tão eficiente). CUIDADO para não ter *nenhuma* chama, ou fagulha, por perto.

## 2.3 — O Repique

Está esterilizada a “capela”. Vamos ao repique, que é mais fácil de fazer e mostrar do que de explicar. Assim, vamos às fotos, passando, antes, pela seqüência:



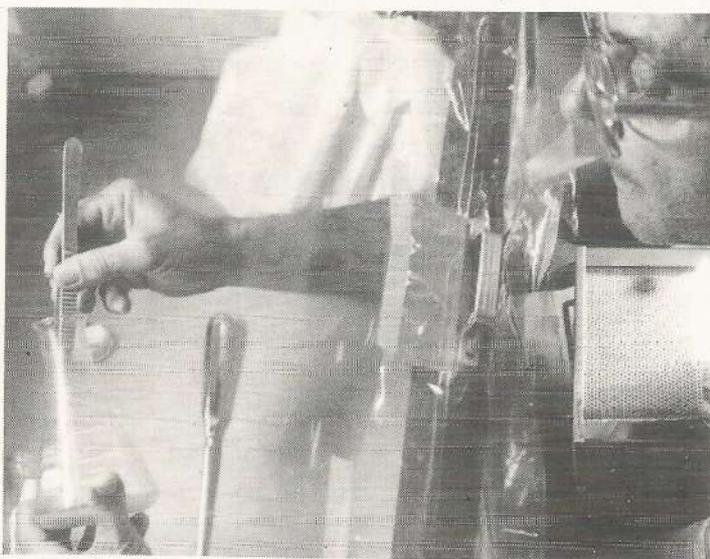
5º — Aberto o frasco que contém as plantas, com a pinça vão retirando-se

1º — Antes de introduzir os frascos — o vazio, com meio de cultura novo, que vai ser usado no repique, e o que contém as plantas — faça a assepsia de suas paredes externas esfregando com álcool, levando-os a secar já dentro da “capela”, deitados, lado a lado.

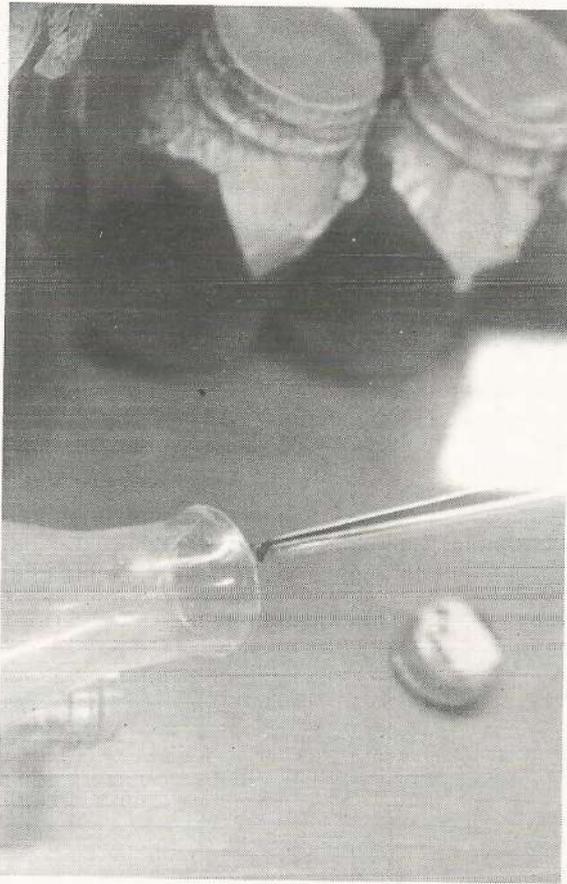
2º — Lave bem mãos e antebraço com sabonete neutro e enxagüe. Ponha um pouco de álcool nas mãos e esfregue bem, inclusive os antebraços (Se, por alguma razão, tiver que tirar os braços de dentro da caixa, renove a operação).

3º — Com movimentos lentos, retire a tampa do frasco que contém as plantas e, em seguida, a do outro, deixando ambos deitados, pois isso reduz as chances de contaminação pelos resíduos que permanecerem em suspensão, no ar.

4º — O único instrumento de que vamos precisar é uma pinça de tamanho adequado, previamente esterilizada (a quente, por flambagem; a frio, para o que existem muitos produtos — eu uso um chamado Germekill, que é removido lavando-se em álcool; ou por pressão, na panela de pressão, envolvida em papel de alumínio, levando-se, assim, para a “capela”).



as plantinhas, que são levadas, o mais rápido possível, para o novo frasco.



6º — Com um e outro frascos, sempre, em posição horizontal vai-se colocando as plântulas no novo meio. Uma ligeira pressão permite que se firmem na gelosia.

7º — Está terminado o repique. Lentamente, sempre lentamente, pois isso reduz os riscos de contaminação, já que o deslocamento de ar é menor, arrolhe o novo frasco.

Algumas observações adicionais: nunca coloque muitas plantas no novo meio de cultura, prefira usar maior número de frascos; só abra um frasco, com meio novo, de cada vez; deixe para retirá-los da “capela” quando tenha terminado todo o trabalho de repique; após retirada, uma rápida passada da boca do frasco, já arrolhada, numa chama de álcool, é útil, para mais esterilização.

Os cuidados posteriores são os mesmos que com plantas germinadas em frasco. Além disso, como na semeadura, é esperar que passem, sem contaminar, as 4 primeiras semanas. Depois é só acompanhar o crescimento, que é muito bom.

### 3 — Vaso coletivo

Vamos que você não tenha tido qualquer dos problemas que justificaram o recurso à caixa esterilizada. Você semeou pouco, a temperatura foi adequada, também umidade ambiente e luminosidade. Suas plantinhas devem estar ótimas. É retirá-las, quebrando esse equilíbrio, para dar-lhes o primeiro choque do meio ambiente.

Depois de tanta dificuldade e sobressaltos (estes, aliás, nunca nos deixam, já que, planta, como qualquer ser vivo, está sujeita sempre a agressões, sobretudo quando jovem), agora é fácil.

1º — Prepare o vaso coletivo. Deve ser sempre raso, como é recomendável para epífitas. O tamanho vai ser determinado pelo número de plantas que nele vão ser instaladas. Prepare o fundo de drenagem, um pouco mais alto ou como o que você faz para suas orquídeas: cacos de telha, bolas de isopor, pedaços de carvão, pedra britada, etc.

2º — Encha um pouco com o substrato que você vai usar. Os mais usados são, no Brasil, esfagno, que eu prefiro, pois acomoda melhor a plantinha, ou fibra de xaxim, lavada e peneirada, bem picada (há quem use sobre a última camada, de um ou outro substratos, uma camada de areia grossa, de rio, que facilita o plantio e retém umidade).

3º — Retiram-se as plantas do frasco, com pinça ou alça de arame, sendo colocadas numa peneira de malha fina. Leva-se à torneira para um jato, não muito forte, que remova os restos de agar que veio com as raízes (esses restos devem ser removidos o mais possível, pois passam a abrigar fungos e outros patógenos). Deixa-se secar por algum tempo, cerca de 24 horas (essa secagem é essencial, para evitar apodrecimento, que é requeente com seedlings. Com Vanda, eu chego ao exagero de nem lavar, mas simplesmente

limpar a gelosia das raízes com cotone-  
te e água).

4º — Remove-se, cuidadosamente, raí-  
zes escuras, secas e quebradas. O mes-  
mo, com as folhas que secaram.



5º — Comece pelo meio, isto lhe dará  
uma visão melhor do espaço disponí-  
vel. Use, no centro, a planta maior. Pon-  
ha substrato por baixo e depois com-  
pacte em volta.



6º — Como as raízes são bem flexíveis,  
é possível fazer com que envolvam um  
pouco de substrato, o que facilita a ar-  
rumação no coletivo. No canto esquer-  
do da foto pode ver-se uma planta já  
preparada.



7º — Assentadas as plantas, complete  
os vazios em volta e comprima ligeira-  
mente, para acomodar.



8º — Arrumadas todas as plantas,  
preencha todos os vazios, nivelando e  
comprimindo. É preciso que as plan-  
tinhas fiquem firmes, sem tombar.

Está concluído seu vaso coletivo.

#### 4 — *Cuidados posteriores*

As jovens plantas precisam de mui-  
ta umidade, mas não devem ser enchar-  
cadas. Se você tem uma estufa, não as  
misture com plantas adultas, já que as  
regas fortes podem matá-las por afo-  
gamento, principalmente com o subs-  
trato de esfagno, que absorve e retém  
muita água. O ideal é um local isolado,  
mais sombreado, em que se possa dar

trato específico aos "seedlings". Se a sua quantidade for pequena, vale colocar os vasos dentro de um saco plástico, transparente, amarrando a boca (fazer uma pequena armação de arame, ou usar arame de pendurar vasos, com três pernas para evitar que o plástico toque nas plantas). A vantagem é que as plântulas têm um ambiente parecido com o do frasco onde vegetaram por um ano, em umidade e temperatura. Regue, moderadamente, de quando em quando, cerca de uma semana, dependendo do clima, ou pulverize com maior frequência.

Precisam ser fertilizadas com certa frequência e regularidade. Eu uso adubo químico, granulado, na fórmula 10-10-10, que renovo de 2 em 2 meses, distribuindo os grânulos por todo vaso e o mais longe possível de cada planta. A cada 15 dias, pulverizo com adubo foliar com maior teor de nitrogênio (8-6-6). Uso 1/5 da dosagem recomendada para plantas adultas.

A partir de cerca de ano depois, as plantas são repicadas para novos coletivos ou para individuais, dependendo do desenvolvimento e tamanhos dos "seedlings".



Vaso com arame



O saco plástico permite atmosfera úmida constante, próxima da que a planta tinha no frasco.



Embora haja casos em que o seedling vai direto para o individual, o comum é passar cerca de 1 ano no coletivo.

O da foto dá idéia da relação de tamanho entre planta e 1º vaso individual.

# Perguntas e Respostas

*Gostaria, ainda, mais uma vez parabenizá-los pela excelência da revista Orquidário, especialmente o Vol. 4, n.º 4 e, ao mesmo tempo, fazer uma sugestão: colocar escala nas fotos para que se tenha idéia do tamanho das flores (em algumas isto é muito difícil, já que não são muito conhecidas, pelo menos para mim).*

Tânia Brum  
Sco n.º 315 — Porto Alegre, RS

Normalmente fica difícil colocar a escala das flores porque as fotos, na sua maioria, são feitas durante visitas a exposições ou coleções particulares. Nos artigos, porém, sempre tentamos indicar o tamanho das flores, sendo descritas para facilitar a compreensão do leitor. A revista Pulchra certamente preencherá esta lacuna pois todas as fotos serão acompanhadas por dados descritivos, como tamanho das flores, forma, caracteres particulares etc.

A toda sorte, porém, anotamos sua sugestão.

Roberto Agnes — Editor

*Caso possível forneçam-me a identificação da orquídea, cuja foto segue junto.*

*Aproveito para protestar pela falta de um número de telefone para comunicações mais urgentes.*

Edu Oscar dos Santos Filho  
Sco n.º 236 — Jaborá, SC

A fotografia, só da flor, não permite uma identificação conclusiva, inclusive porque a foto não mostra a planta, nem vieram dados de onde foi coletada, sendo que essas espécies de *Epidendrum*, são bem parecidas, sobretudo quando a fotografia não está muito nítida.

A da fotografia pode ser o conhecido *Epidendrum ellipticum*, bastante co-

mun nas serras do Mar e dos Órgãos. Pode ser, também, o *Epidendrum immatophillum*, que ocorre no Pantanal e centro-oeste do Brasil.

Quanto a questão do telefone, você não reparou que, no expediente da Revista, consta o meu número de telefone (021) 541-8361.

Forneço, outros, da Diretoria: Presidente, (021) 224-2886; Vice-Presidente, (021) 267-8384; Diretor Técnico, (021) 262-7738; Diretora de Relações Comunitárias, (021) 246-9868; Diretor Administrativo-Financeiro (021) 246-9872.

Roberto Agnes — Editor

*“Gostaria de saber que tipo de adubo vocês recomendam para uso”.*

Ronaldo de Araújo Ribeiro

A revista tem publicado alguma coisa sobre o assunto, seja em artigos específicos, como é o caso do artigo “O delicado tema da adubação ou a planta que veio do japonês”, de Álvaro Pessoa (Orquidário, Vol. 3, n.º 4, pág. 11). Em diversos artigos, sobre cultivo, falou-se, também, de adubação. No recém-editado do “Manual-1, Curso de Iniciação à Orquidofilia” tratou-se extensivamente do assunto, inclusive com um excelente apêndice escrito por Ennio Blumm, sobre este polêmico assunto.

Aliás, a Mala Direta, já publicou referência de 2 fertilizantes nacionais que igualam os melhores estrangeiros, Copas e Dufol, ambos foliares, com dosagens de NPK compatíveis com o Peter's americano, reputado ser o melhor do mundo para orquídeas. A Ricsel de Porto Alegre está, também, lançando um foliar orgânico, que, também, foi mencionado na Mala Direta. Existe, ainda, de muito boa qualidade, e radicular, um granulado, fabricado pela

Paulifertil, nas dosagens, de manutenção, 10.10.10, e com maiores teores de fósforo e potássio, 4.14.8.

A regra mais comumente aceita quanto a fertilização de orquídeas é: pouco e semanalmente. Isto é, pequena dosagem e, regularmente, uma vez por semana, no período de crescimento ativo, primavera e verão, e quinzenalmente ou mais, no outono e inverno.

Os cultivadores japoneses praticam uma fertilização barata, mas eficiente. Agregando com água, fazem pelotas, com 1/3, de torta de mamona, farinha do osso, ou ostra, e cinza de madeira. Depois de seca e empedrada, é colocada junto a uma das paredes do vaso de cultivo, onde vai sendo dissolvida pelas regas. O problema desses adubos radiculares (as raízes, é bom saber, absorvem mais nutrientes do que as folhas) é que, se não bem dosados, podem queimar raízes e, até mesmo, matar a planta, assim como decompor mais rapidamente o substrato, acidificando-o.

Raimundo Mesquita

“1.º) Qual a etimologia da palavra que designa o gênero *Laelia*?

2.º) Onde posso encontrar a obra “*Orchidaceae Brasiliensis*”, vols. 1 e 2, de Pabst e Dungs?

3.º) Como é que as plantas assimilam o adubo foliar?”

Roberto Pereira  
Sco n.º 53 — Ipatinga, MG

1.º) *Laelia Lindl.*

Derivação do nome, em homenagem a *Laelia*, uma das vestais da mitologia romana, sendo *Laelia* uma das virgens que faziam parte do séquito da deusa *Vesta*.

A *Laelia* foi descrita por John Lindley, em 1831, no seu livro *Genera and Species of Orchidaceous Plants*. O gênero *Laelia* integra a subfamília *Epidendroideae*, tribo *Epidendreae*, sub-tribu *Laelineae*, e é “aliada” da *Cattleya*, do *Epidendrum* etc. Tem, porém, 8 políneas em lugar das 4 da *Cattleya* e aliados.

Para saber mais sobre *Laelia*, leia em *Orquidário*, Vol. 1, n.ºs 1, 2 e 4 e Vol. 2, n.ºs 1 e 2 a série que sobre o tema escreveu Francisco Miranda.

2.º) As boas livrarias do Rio e de São Paulo podem conseguir a obra referida. Aqui no Rio a Livraria Kosmos dispunha, até recentemente, de alguns exemplares para venda.

3.º) A assimilação de adubo foliar se dá através de estômatos, existentes nas folhas, que abrem e fecham, como se fossem pálpebras e que tem funções de respiração e transpiração, absorção de umidade, incluindo as trocas gasosas de oxigênio e monóxido de carbono.

Raimundo Mesquita

#### Aumente sua Biblioteca sobre orquídeas:

- Manual 1 — Curso de Iniciação à Orquidofilia  
Ed. OrquidaRio — Cr\$ 350,00
- A Orquídea — Algumas Noções Básicas.  
Por Osmar Judice — Cr\$ 150,00
- A Orquídea (2) — Algumas Noções Básicas.  
De Osmar Judice — Cr\$ 150,00
- Mini-Guia  
Por Osmar Tessmer — Cr\$ 500,00

Pedidos, acompanhados de cheque, à OrquidaRio, para o Departamento de Difusão Cultural. Av. Pres. Vargas, 583, Grupo 2.014, Rio, RJ 20.071.

